

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CENTRO DE MEMÓRIA DO SUL FLUMINENSE GENIVAL LUIZ DA SILVA**  
**(CEMESF)**

Proibida a publicação no todo ou em parte. Permitida a citação. Permitida a cópia digital. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de; JÚNIOR, Carlos Colombo Vieira de Sousa. Jessie Jane Vieira de Sousa e Carlos Colombo Vieira de Sousa Júnior (*testemunho da verdade, 2014*). Volta Redonda, Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda, 2014. 62 p.

**JESSIE JANE VIEIRA DE SOUSA e**  
**CARLOS COLOMBO VIEIRA DE**  
**SOUSA JÚNIOR**  
**(depoimento, 2014)**

Volta Redonda

2021

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: Depoimento prestado à Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda  
entrevistador(es): Edgard D. A. Tonolli Bedê  
transcrição:  
conferência da transcrição: Maria Amália Sarmiento Rocha de Carvalho  
copidesque:  
local: Volta Redonda - RJ - Brasil  
data: 06/11/2014  
duração:  
páginas: 62

Entrevista realizada no âmbito dos trabalhos da Comissão Municipal da Memória e da Verdade de Volta Redonda D. Waldyr Calheiros (CMV-VR), criada pela Lei Municipal 4.945/2013, para um mandato de dois anos (2013-2015), e composta pelos membros: Alex Martins Rodrigues (Presidente da OAB/VR, Presidência da Comissão), Vereador Jerônimo Telles (representante da Câmara Municipal de Volta Redonda, Vice-Presidência), Lincoln Botelho da Cunha (representante do governo municipal, Secretário Geral), Mara Lúcia Borella (representante da Diocese de Volta Redonda/Barra do Piraí), Ozanan Carrara/Ana Paula Poll (representantes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFF/Volta Redonda); pelos membros colaboradores Marcos Aurélio R. Gandra, Marlene Fernandes, Vicente Paulo de Melo; pela assessora Ana Cristina Carreiro Almeida; e pelo pesquisador/relator Edgard D. A. Tonolli Bedê. O desenvolvimento das atividades de degravação contou com o apoio da Fundação de Pesquisa do estado do Rio de Janeiro (Faperj), no período de 2014 a 2016. No período de 2019 a 2020 os trabalhos de degravação e revisão foram realizados por bolsistas, voluntários e pesquisadores do CEMESF com o apoio de emenda parlamentar do ex-deputado federal Wadih Damous.

Palavras-chave: Ação Católica Operária, Caderno do Terceiro Mundo, Centro de Cultura Popular, Centro de Memória, Comitê da Anistia, Comitê da Nicarágua, Escola Sindical, Juventude Católica, Lei de Reforma da Anistia, Movimento Feminino, Oposição Sindical, Partido Comunista, Serviço de Obras Sociais de Volta Redonda.

*Entrevista: 06/11/2014*

**Edgard Bedê:** *Hoje é dia 06 de novembro de 2014, estamos aqui no auditório da OAB<sup>1</sup> Volta Redonda, atividade da Comissão Municipal da Verdade Dom Waldyr Calheiros. Iniciamos... meu nome é Edgard Domingos Aparecido Tonolli Bedê, eu sou pesquisador da Comissão da Verdade, Coordenador dos Depoimentos. Iniciamos agora, o depoimento de Colombo e Jessi. Eh... antes, eu gostaria de perguntar a vocês, se vocês concordam que seja gravado, filmado e disponibilizado todo esse material pra fins de memória e de livre acesso das pessoas que querem conhecer a história.*

**Jessie Jane Vieira de Sousa:** Concordo, claro.

**Colombo Vieira de Souza Júnior:** Sim, também.

**EB:** *Primeiro Jessie, seu nome completo, por favor, no- eh... data e local de nascimento.*

**JJVS:** Bom, meu nome é Jessie Jane Vieira de Sousa, com s (risos). Eu nasci no dia 21 de abril de 1949, portanto sou bem, né, eh... em Minas Gerais, num lugar chamado Bom Jesus do Galho, que na época que eu nasci era o município... de Caratinga.

**EB:** *Nome dos seus pais.*

**JJVS:** Washington Alves da Silva, Leta de Sousa Alves.

**EB:** *Do que viviam os seus pais quando você nasceu?*

**JJVS:** Os meus pais, quando eu nasci... o meu pai era... tinha uma fazenda em Minas, eh... mas em seguida ele... vendeu a fazenda, entrou pro Partido Comunista e virou... durante a década e tanto, profissional do partido, depois no 61 aí fomos, moramos em Paraná... em Mato Grosso, vivemos a década de 50 em Mato Grosso, meu pai fazia trabalho camponês, montando partido, naquilo que se chama... ficou conhecido como Colônia Federal de Dourados. Minha mãe também era do Partido. Em 61 nós fomos pra São Paulo, meu pai virou operário, e em 1960,

---

<sup>1</sup> OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

70, meu pai foi preso, eh... em 71 foi banido, minha família foi toda pro exílio, e por aí foi... eu fui presa em 70 e vim parar em Volta Redonda no 79.

**EB:** *Colombo... Colombo, o seu nome completo, por favor.*

**CVSJ:** Colombo Vieira de Souza Júnior.

**EB:** *Você nasceu quando e onde?*

**CVSJ:** Eu nasci em 06 de março de 1950, na cidade de Goiânia, em Goiás, né, Goiás, capital de Goiás.

**EB:** *E os seus pais, como se chamavam?*

**CVSJ:** Os meus pais são Colombo Vieira de Souza e Namirele de Souza.

**EB:** *Do que viviam seus pais quando você nasceu?*

**CVSJ:** Meu pai era... aeroviário, ou seja, era radiotelegrafista da Panair do Brasil. Aeronauta era considerado só quem pilotava, e tal.

**EB:** *E sua mãe vivia do quê?*

**CVSJ:** Minha mãe era... só dona de casa.

**EB:** *Quando... eh... você iniciou a sua militância, né, você tinha quantos anos?*

**CVSJ:** De 16 pra 17 anos.

**EB:** *Você pode assim... brevemente, relatar o grupo que você pertencia, atividade, o que levou você aderir com essa idade?*

**CVSJ:** São muitos, são... essa pergunta sempre vem, né, (riso) mas nunca tem uma única razão, né, você vive um processo, de entendimento de mundo e que as canalizam pra isso ou pra aquilo,

né, então no caso... eh... a época que eu comecei a participar mais 1966, né, era logo depois do golpe, o golpe militar teve uma... influência... teve uma... uma... visibilidade muito forte na minha cidade que era Niterói, nessa época nós morávamos em Niterói, que quase todas as ruas teve casa invadida, livros jogados na calçada pra mostrar que eram comunistas que a dividiam (inaudível)... uma cidade que foi muito... era a capital do Estado do Rio, então reunia a intelectualidade do interior e os políticos do interior, né, e... eh... centralizava os sindicatos dos trabalhadores, boa parte que trabalhavam até mais para o Rio de Janeiro do que... do que Niterói, mas era a cidade residência desses trabalhadores, Niterói e São Gonçalo, né. Hoje já mudou bastante o perfil, mas... principalmente... eh... a metalurgia dos estaleiros, né, que eram localizados ali e ferroviários da Leopoldina.

**EB:** *Você era estudante... você era estudante secundarista?*

**CVSJ:** Eu era estudante secundarista (pausa) e... como estudante... até como... eu era estudante secundarista numa escola particular sem muita expressão e... mas o movimento estudantil, cidade pequena, né, acaba envolvendo também essas... pessoas...

**EB:** *Depois do AI-5<sup>2</sup> que você entrou na luta armada ou...*

**CVSJ:** Ah não, aí todo mundo (riso), aí tem um momento que você entra na Juventude do Partido Comunista, né, toma... dá mais consistência a conhecimento... tem... a Guerra do Vietnã, as guerras de libertação na África que... repercutiu muito pra nós, né, eh... enfim, o mundo tinha... apesar de nem existir nem televisão nem internet, era muito presente para nós, né. A imprensa era mais diversificada que hoje, né, porque hoje tem um lobo e seus amigos, né, então... a gente tinha... muita influência dessa... né, a revolução cubana, a revolução cubana eh... eh... eh... fazia parte... do noticiário de televisão desde que eu era mais menino, né, e também... até dos programas de humor no rádio, né, tinham lá os... os barbudos, e tal, que faziam parte do... do cenário de... oh... do grupo de personagens até do... da (inaudível). Então... e havia uma simpatia muito grande por Cuba, por todo lugar que eu frequentava, né, enfim... eh... mas eu comecei lá na juventude no Partido Comunista, o Partido Comunista vivia uma... uma... um conflito muito grande com a juventude e boa parcela das bases operárias do partido pelo comportamento que teve perante ao golpe militar que havia uma expectativa de que haveria

---

<sup>2</sup> AI-5 - Ato Institucional Nº 5

uma grande reação ao golpe, e isso não aconteceu e... parte dos movimentos operários se responsabilizavam muito... eh... boa parte aos comunistas e aos sindicalistas trabalhistas também, né, de não ter havido aquela reação popular que se esperava. Então, esse conflito, chega um momento em que começa a se polarizar entre... derrubar a ditadura como? Né, então, havia duas visões, uma delas era da guerrilha, era... ah... o sonho cubano de fazer a revolução, dois homens... doze homens que sobem a serra e mudam um país, né, e eu embarquei nesse sonho, mais ou menos isso (riso).

**EB:** *(Inaudível)*

**CVSJ:** Aí, eh... o início da minha militância, né. Fui formado em Niterói, quer dizer, pelo Brasil afora, foram formadas dissidências do Partido Comunista e Niterói era sede da dissidência de parte do Estado do Rio, que criou uma organização que nem nome tinha, era só dissidência. Mas como tinha uma publicação chamada “8 de Outubro”, começou a ser conhecido pelas outras organizações como... eh... Movimento Revolucionário 8 de Outubro, “Ah, o pessoal do 8, o pessoal do 8, e tal, virou, né... na verdade, o nome foi dado pelas outras organizações, enfim, e essa organização teve uma vida curta, caiu quase todo mundo em 1964...

**JJVS:** Não, 69.

**CVSJ:** Em 69, né. Praticamente quase todos os militantes foram presos (pausa) eu, mais menino, menos importante, e acabei escapando desse negócio e... e aí eu vim participar já de outra organização, quer dizer, já com Carlos Marighella, na Ação Libertadora Nacional.

**EB:** *Jessie, o seu caminho até a ALN<sup>3</sup>.*

**JJVS:** Não.

**EB:** *Não?*

**JJVS:** Não, eu queria um pouco

**CVSJ:** [(riso) Diferente...

---

<sup>3</sup> ALN - Ação Libertadora Nacional

**JJVS:** Situar (riso). É porque às vezes... é uma coisa que eu faço muito com os meus alunos, pra compreender o século XX. Particularmente depois da guerra, né, nós somos produto desse processo que começa depois da guerra, dessa bipolaridade, quer dizer... Guerra Fria que se estabelece, os projetos de independência... todas as lutas de independência e a... a... a... o crescimento da... dos... Partidos Comunistas, né, quer dizer, eu nasci numa família, meu pai e minha mãe parti- quer dizer, eu nasci não... mas minha (inaudível) com 4 anos eu fui criada nesse ambiente, quer dizer que ser de esquerda nunca foi uma opção, é uma coisa que faz parte do meu DNA, digamos assim, eu não cheguei a isso pela via intelectual, foi mais uma coisa de ordem familiar, afetiva...

**EB:** *De estrutura familiar.*

**JJVS:** Toda de estrutura familiar, quer dizer todas as... os meus tios, por exemplo, eram os militantes de 35, então, eu convivi cotidianamente com a Ditadura Vargas, enfim, a coisa do Estado Novo. Então, eh... eh... eu não... não entrei na esquerda armada, digamos assim pela via do movimento estudantil, pra mim foi alguma coisa que foi acontecendo com a minha família, né, com a minha família e com todo o entorno, tanto é que da... dos velhos do partido, que frequentavam a casa dos meus pais, muitos deles têm filhos desaparecidos, né, não só da ALN, mas como de várias organizações. Os meus tios, todos presos. Enfim, uma família inteira! Então, mas é muito produto desse pós-guerra, né, quer dizer, entender o mundo pós-guerra e os desafios do mundo pós-guerra, né, que isso a... os jovens de hoje não... não têm a dimensão, né, quando se fala das lutas da nossa geração ou das gerações anteriores, era como se estivesse falando de um ser de outro planeta, né, não, mas que o mundo mudou muito depois da década de 80, né, quer dizer, os jovens de hoje são criados numa outra perspectiva, que não... que não era a nossa... né. Mudou tudo, a estética, tudo isso, quer dizer, a vitória do... do... do capitalismo na sua face mais cruel, ela colocou o mundo diferente, então, nós somos produtos desses movimentos sociais que se agudizaram depois da guerra, né, quer dizer, acho que nós somos a segunda geração depois, quer dizer, eu nasci em 49, então, peguei menina, tinha 15 anos no Golpe de 64, eu vivi muito o Golpe de 64 dentro de casa, né, e como é que o golpe atingiu as pessoas com as quais nós convivíamos na periferia de São Paulo, já morávamos em São Paulo, né, os meus pais eram... já o meu pai e minha mãe, o meu pai particularmente, depois de 58, com o XX Congresso já com muita crítica ao partido, né, ainda que meu pai fazia a crítica do partido via stalinismo, né, mas já se afastando do partido, minha mãe saiu do partido em 66, mas e... muito ligado ao Comitê Estadual de São Paulo que é... Mariguella era do Comitê de

São Paulo, o Toledo era dirigente do partido em São Paulo, então, a formação do grupamento comunista, que é a origem da ALN, foi assim uma coisa muito... próxima lá de casa, entendeu, então... quer dizer, daí a entrar pra ALN era uma coisa natural, né.

**EB:** *Você veio a conhecer o Colombo na época?*

**JJVS:** Eu vim conhecer Colombo quando ele saiu do Rio com a irmã dele presa, foi... primeiro o Colombo chegou lá em casa em... de começo lá pra junho, maio de 79...

**CVSJ:** 69.

**JJVS:** 69, porque a irmã tinha sido presa em Sã- a irmã tinha sido presa no Paraná...

**CVSJ:** [Ainda não tinha sido presa não.]

**JJVS:** (Inaudível) Não?

**CVSJ:** Não, não, não (riso).

**JJVS:** Bom, eu sei o seguinte: o Colombo chegou lá em casa uma noite e falou com meu pai lá no bar do meu pai, eu não assisti, depois que meu pai saiu, depois que você saiu, o meu pai se... eh... meu pai me disse que você tava procurando o pessoal da... da... da MR8<sup>4</sup>, que tinha sido preso e não tinha notícia, eu me lembro do meu pai dizendo assim: “Devem tá todos mortos”, naquela época já se matavam as pessoas. Em setembro, no dia 7 de setembro, o Colombo chegou lá em casa pra encontrar a ALN lá por casa, então, por aí, foi aí que nos encontramos (pausa) e estamos juntos até hoje.

**EB:** *Na prisão de vocês, vocês também...*

**JJVS:** Foi em 1970.

**EB:** *Em 70...*

---

<sup>4</sup> MR8 - Movimento Revolucionário 8 de Outubro



**JJVS:** Nós estamos falando de...

**EB:** *É de 69... entre 69 e 70, vocês fizeram quais ações juntos?*

**JJVS:** Olha, não muitas, viu... não muitas. Eh... porque, na verdade, nós ficamos eh... pouco tempo, eh... com... eh... que as pessoas iam sendo presas nesse período, né, então, nós perdemos o contato com a direção da ALN em São Paulo, viemos pro Rio pra tentar conectá-los e aí bolamos uma coisa completamente insana, que foi um sequestro de avião! (riso) E fomos presos nesse sequestro de avião, em julho de 70. Mas era... todo o comando ao qual estávamos ligados em São Paulo, tinha sido preso, e...

**EB:** *Vocês eram um grupo de quantos?*

**JJVS:** Do sequestro?!

**EB:** *É.*

**JJVS:** Ah, nós éramos quatro!

**EB:** *Quatro?!*

**JJVS:** Nós éramos quatro, um foi assassinado na prisão, né, e restamos nós três, que Fernando, que vocês não conhecem, que não veio pra cá, saiu da prisão pouco antes de nós, mas...

**EB:** *Vocês foram, caíram na prisão e... vocês ficaram presos daí até quando?*

**JJVS:** Nós ficamos até 79. Nós fomos em 70 e ficamos até 79. Saímos da prisão... eu não sei se é 5 de fevereiro ou 5 de janeiro, mas eu acho que é 5 de fevereiro que saímos de lá da prisão, saímos de lá. Na prisão, conhecemos Dom Waldyr, né... porque lá no 70...

**EB:** *Isso foi o elo com Volta Redonda...*

**JJVS:** Isso, é... é, exatamente.

**EB:** *Um elo (inaudível). Importante. Dom Waldyr é o nome da nossa comissão.*

**JJVS:** É claro! Da nossa vida também! Dom Waldyr começou a... bom, eu como uma família comunista, absolutamente refratária à Igreja Católica, né, evidente, até porque a igreja que... daquele período, uma igreja reacionária, ligada aos interesses conservadores, anticomunista ao extremo etc. e tal, qual não foi a minha surpresa, quando eu tava presa, começou a surgir uma história de igreja que era... eh... digamos assim, acolher as nossas demanda, e tal, e eu: “Que diabos, de que igreja é essa? Que eu não sei qual é, né.”, e comecei a ler sobre a história da igreja, inclusive antes de conhecer Dom Waldyr e fiquei curiosa com isso. E aí Dom... foi presa em Volta Redonda a Rosalice, né, e a Rosalice foi parar em Bangu e aí a Rosalice tem uma saga própria, acho que vocês já ouviram o depoimento da Rosalice... e a Rosalice foi parar em Bangu e eh... Dom Waldyr começou a visitar a Rosalice, e aí se tornou uma... um visitante assíduo mesmo. Rosalice saiu da prisão, ele continuou nos visitando, quando nós fomos soltos, ele nos convidou para vir pra Volta Redonda e nós viemos pra Volta Redonda, como nós podíamos ir pra qualquer lugar, porque nós não tínhamos profissão, eh... nós... minha família tava toda no exílio, e enfim, viemos, na verdade pra viver! Né? Nós não viemos pra cá para subverter o Bispo, nem pra... não foi isso. Na verdade, foi pra viver aqui, nós já tínhamos uma filha, tivemos uma filha na prisão em 76.

**EB:** *E sendo uma área industrial, com concentração operária também... isso...*

**JJVS:** Não... é claro que na nossa... enfim... eh... toda naquela coisa da classe operária, a vanguarda do mundo, né, o farol da humanidade (riso) toda aquela... nós éramos, nós fomos criados nessa... nesse discurso, né. É óbvio que Dom Waldyr tinha esse discurso também, né. Dom Waldyr quando nos trouxe pra cá, ele queria montar... ele arranjou um projeto da Alemanha, e tal, e ele queria montar um jornal diocesano, né. E aí tinha toda uma narrativa sobre as CEBs<sup>5</sup>, né, sobre a Juventude Católica... nos visitavam também três jovens que era da Juventude, que era o Itaélcio, né, é uma pessoa maravilhosa, o Ênio que é outra figura...

**Participante:** *A irmã dele mandou um abraço pra vocês.*

**JJVS:** É? Que legal! E o Raimundo, que era militante da Juventude Católica, e tal.

---

<sup>5</sup> CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

**EB:** *Eles já visitavam vocês na prisão...*

**JJVS:** Eles... eles começaram a nos visitar, eu não lembro se...

**EB:** *Visitavam o Colombo?*

**CVSJ:** Visitavam a Rosalice...

**JJVS:** Visitavam o Colombo, é... depois passaram a me visitar também, é... mundinho, e eles iam muito lá, os três. E Dom Waldyr queria montar isso, e por exemplo, nós tínhamos uma biblioteca maravilhosa, né, construída ao longo de 10 anos de preso político, eu peguei a biblioteca e trouxe toda para a Diocese, né, entreguei a Dom Waldyr, eu... eu fui a última... a última... a última presa, entregamos toda a nossa biblioteca pra Diocese, ficou jogada lá no bispado anos, não sei dizer o tempo... quando nós chegamos aqui, fomos morar eh... no Retiro, havia uma senhora, ela ainda é viva, Dona Júlia, não é? Que Dom Waldyr alugou a casa da Dona Júlia que era ali... não me lembro... mas era no Retiro...

**CVSJ:** [No Retiro]

**JJVS:** No final do Retiro. E nós fomos morar ali, era uma coisa bem precária, e tal, mas lá atrás era tudo de bom, entendeu, mas sofremos um ENORME preconceito, um ENORME preconceito.

**EB:** *Dentro da igreja?*

**JJVS:** Dentro da igreja e dentro daquilo que se chamava progressistas, né, óbvio, a direita da igreja evidente que... mas... assim... pra você ter ideia, Dona Júlia depois nos relatava, que existia um vereador aqui, eh... eleito pela igreja, chamado Zamboti, né, esse Zamboti ia à casa do Dom Waldyr, da Dona Júlia e dizia assim: “Não aluga! Isso é um casal de terroristas perigosíssimos! Vem aqui, vamo, nossa o Bispo vai ser preso!”, entendeu? Havia o negócio da... da como é que é?... aqueles padres operários belgas, que eram... ah... eu esqueci o nome...

**Participante:** *ACO<sup>6</sup>, esses também, né, terroristas...*

---

<sup>6</sup> ACO - Ação Católica Operária

**CVSJ:** Mas, disfarçava, né.

**JJVS:** Não, não disfarçava, né.

**CVSJ:** Uma disfarçadinha... (risos)

**EB:** *Dom Waldyr...*

**JJVS:** Dom Waldyr... isso... Dom Waldyr... Dom Waldyr muito legal, Dom Waldyr ia lá em casa toda manhã, saia da casa e ia lá: “Tudo bem?”. Eh... ele queria que nós participássemos das CEBs, eu fui muitas vezes, Colombo foi uma vez e falou: “Num cabe eu ali não!” (risos) Mas, chegava o Natal das CEBs, negócio do... do setor, que chamava, né, isso tudo porque nós tínhamos desenvolvido uma narrativa no presídio... que isso era a coisa da revolução, entendeu? E tal, e vamo nós na CEB, vamo que vamo, aí eu ia na reunião da... eu fui na reunião das CEBs, eu fui lá duas vezes. Quem... quem... quem dirigia as CEBs era o Padre Normando, que deve tá por aí ainda. Era o seguinte: as CEBs tinham todo o material produzido pela CNBB<sup>7</sup>, como é até hoje, a igreja produz de cima a baixo todo o manual, não é? Então, começava com uma reza e o Padre Normando pra me... pra me expor dizia assim: “Agora a Jessie vai rezar!”, eu dizia assim: “Não... eu não sou católica”, e explicava porque que eu tava ali e isso uma vez, muito bem, na terceira, todo mundo me olhava como morfética, né, (risos) “Pô, que que tá fazendo essa mulher aqui, né?!” (risos). Enfim, ah isso... também era a Campanha da Anistia, nós viemos pra cá exatamente na Semana Santa de 69, em plena Campanha da Anistia e Dom Waldyr envolvidíssimo na Campanha da Anistia, né. Dom Waldyr e na... na... 1º de maio naquele ano, de 69, de 70 e... 79, Dom Waldyr queria fazer a missa, que seria no estádio, parece... toda em torno da Anistia, aí Dom Waldyr disse pra nós “Olha o padre fulano...”, que era o Padre Normando e o Padre Jackson, que eram os nomes da...

**CVSJ:** Foi viajar, né.

**JJVS:** Dom Waldyr foi pra Itaici, que Dom Waldyr era homem da articulação da CNBB, porque todo mundo fala de Dom Waldyr de Volta Redonda, mas Dom Waldyr tem uma

---

<sup>7</sup> CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

dimensão na... na... na mudança de rumo da CNBB, EXTRAORDINÁRIA, né, do... você sabe que a CNBB de 64 a final da década de 60, ela foi dominada pelos conservadores, né, foi só o final da década de sessenta que a... os irmãos (inaudível) assumiram o comando da CNBB, até então, era uma... uma... uma CNBB que apoiava o golpe, né, e Dom Waldyr era uma pessoa importantíssima naqueles... na articulação da CNBB, ele era o homem que viajava muito nessas articulações, organizando os bispos progressistas contra a ditadura, né. Eh... então, naquele-naquela... naquela ocasião Dom Waldyr tava na... na... foi pra Itaiaci e disse: “Olha! Vocês se organizem com o Normando e o... e o... o Padre Jackson.” Aí fomos falar com eles: “Ó, o Dom Waldyr quer fazer isso...”, e eles: “Não! Aí nós vamos definir.”, e aí alguém chegou lá em casa e escreveu... a mãe do Wa- do Wagner! Naquela época que era muito ligada... e eu tô pondo o nome das pessoas não é pra condenar as pessoas, entendeu, só um pouco pra contextualizar o que que era o clima, né, que era muito ligada a esse pessoal da ACO, e tal. Deixaram um bilhete ao passo que não, que eles tinham vetado a parti- a coisa da Anistia, porque era coisa da classe média. Bom, o Lula era contra a Anistia, era contra a Campanha da Anistia. Ele só passou a defender a Anistia depois, entendendo que Anistia não tinha a ver com a classe operária, entendeu, o problema da classe operária eram reivindicações econômicas, né, depois ele compreendeu que isso era uma questão política que tinha a ver com tudo, mas havia essa... essa incompreensão, né. Eu sei o seguinte: o Dom Waldyr voltou de Itaiaci e passou lá em casa: “Como é que vai ser a missa?”, eu disse: “Ó, pergunta a Padre Jackson.” E Dom Waldyr o que que fez, ele montou a missa e chamou a Presidente da... da Comissão do Comitê Brasileiro da Anistia pra estar presente e fazer quase uma homilia... esse era o Dom Waldyr! Né, quer dizer, eu entendo que as pessoas tivessem medo, porque Volta Redonda foi palco de muita repressão, né, e evidente, um casal como nós, eh... terrorista de carteirinha, como diziam, né, chegar aqui, alguma coisa vai acontecer (riso) de muito grave. Então, mas fomos muito... fomos muito discriminados, né. Mas, ao mesmo tempo, na Campanha da Anistia e também havia em Volta Redonda uma coisa legal que era o Comitê de Apoio à Nicarágua, né, que juntava uma garotada que a gente nem conhecia, né, e que tava fora da igreja, não tinha nada a ver com a igreja, né...

**CVSJ:** E alguns não tão garotos.

**JJVS:** É... alguns não tão garotos, mas isso tinha... havia uma efervescência política, cultural. Atores culturais conhecemos poucos, que, eh... muitos nos olhavam também com olho assim: “Essa gente é meio baixo astral...”, né, Marlene sabe disso. Mas, aí nos entrosamos, aí teve uma greve em Volta Redonda em 69, que é a Greve dos Peões, né,

**Participante:** [79

**JJVS:** Que Colombo participou muito... nós todos. E eu conheci a Marlene nesse... nesse momento.

**Participante:** *(inaudível)*

**JJVS:** Não! Antes...

**CVSJ:** [Antes

**JJVS:** Conheci a Marlene antes, conheci várias pessoas aqui que não tinha nada a ver com isso, fomos muito, muitíssimo bem acolhidos por essas pessoas, entendeu, mas o objetivo que tínhamos ao vir com Dom Waldyr não se cumpriu, porque... na verdade não havia condições políticas dentro da igreja, né, era aí um problema de Dom Waldyr e a sua correlação de força interna, que não crescia isso, entendeu...

**EB:** *Colombo, se pudesse relatar pra gente, eh... eh que uma das... um dos objetos de apuração da Comissão é a Greve de 79.*

**JJVS:** É

**CVSJ:** A de?

**EB:** *Toda a repressão sobre os peões*

**JJVS:** A greve foi um dos piores... Construção Civil, os peões da Odebrecht...

**CVSJ:** Ah, sim, sim, sim

**EB:** *O que que você se lembra?*

**JJVS:** É claro.

**EB:** *Porque você teve uma participação...*

**CVSJ:** Ahã

**EB:** *Uma das primeiras participações que você teve em movimento social aqui, né?*

**CVSJ:** Movimento social em qualquer lugar do mundo, porque eu nunca tinha participado de nenhum, só de movimento estudantil... no Calabouço, no Rio de Janeiro, que era um restaurante de estudantes que reunia (pausa) a... estudantada de esquerda, né, e pobre.

**EB:** *Como é que você se inseriu?*

**CVSJ:** Primeiro que aquela comida era terrível... oi?

**EB:** *Como é que você se inseriu naquela... naquele movimento de 79?*

**CVSJ:** De 79, pois é... bem, dentro desse contexto que a Jessie explica, tem uma (pausa), eh... (pausa) na verda- ah... o pessoal da Juventude, voltando lá pra Juventude que nos visitava

**JJVS:** Ahã

**CVSJ:** Tinha outro tipo de expectativa com a nossa presença aqui do que a de Dom Waldyr, né. Em primeiro as expectativas deles, as expectativas do Dom Waldyr, e as expectativas nossas. Porque nossas tinha além de estarmos numa cidade como esta, tínhamos de almoçar, jantar, nós não tínhamos emprego, bem... m- MAL DE SITUAÇÃO MESMO. Também teve esse acolhimento, essa vinda para cá

**JJVS:** Claro

**CVSJ:** Certamente na rede de solidariedade no meio da esquerda, a gente sobreviveria, e tal, mas aqui era uma coisa bastante concreta, que aconteceu, né, (pausa) e... então tem esse... esse pessoal, nós continuamos a conviver, aqui, bastante, talvez eh... socialmente, foi quem mais nos acolheu, entende... foram os... foram os... os companheiros da... da Juventude Católica e até apanhavam um bocado por causa disso, né. Muito... muito do que era atirado contra nós, batia neles primeiro, entende... Então, era uma coisa que a gente tem que relembrar e eles buscavam a inserção... social também via trabalho, né, e no caso o Raimundo que era da Comunidade São

Geraldo, tava trabalhando numa empreiteira também, então ele tava acompanhando a movimentação de revolta que havia lá dentro, mas não havia nada organizado não, entendeu... era só uma *peãozada* estressada, trancada num... num... num alojamento terrível, parecia um campo de concentração aquilo, um alojamento ENORME e... que a partir das tantas horas tinha que entrar, se não entrasse, ficava do lado de fora, se ficasse do lado de fora era preso por vagabundo, se ficasse, se... se forçasse a barra pra entrar, apanhava dos guardas da Odebrecht ou da... da Mendes Júnior ou da outra delas aí. OAS<sup>8</sup>, era uma das principais, não é nem a Mendes Junior. Bem... só lembrar isso e do... e do... e do... ainda do acolhimento, né, nós estávamos procurando escola pra deixar a nossa filha

**JJVS:** [É...

**CVSJ:** Que nós viemos com uma filha de 4 anos de idade e...

**JJVS:** [Paula, né

**CVSJ:** E... quer dizer, nós éramos um casal que tava fazendo ali uma militância e ao mesmo tempo tinha uma menina que tinha que ir pra... pro jardim de infância, e tal, não sei o quê, e estávamos com dificuldade de encaixá-la, então a... a... veio uma... uma proposta pra morar no Retiro e que ela podia entrar no jardim de infância lá do... do... do grupo escolar lá do Retiro, né. Como é que é o nome da professora?

**Participante:** *Não é Recanto?*

**JJVS:** Mulher do Paulo...

**Participante:** *Recanto Infantil.*

**EB:** *Recanto Infantil, Retiro.*

**JJVS:** No Recanto, é.

**EB:** *Da prefeitura, né?*

**CVSJ:** É, é. Como é que é o nome da... da...

---

<sup>8</sup> OAS - Construtora OAS



**Participante:** *Recanto Infantil!*

**JJVS:** Não, não!

**CVSJ:** Da diretora!

**JJVS:** Não... a mulher do Paulo, gente!

**CVSJ:** Mulher do Paulo... engenheiro.

**JJVS:** Que tem a vidraria... Solange!

**CVSJ:** Solange!

**JJVS:** Solange...

**CVSJ:** Então, a Solange, que era a diretora, foi advertida... por um padre, não sei qual, entendeu? Porque era perigoso o que ela tava fazendo... que esse negócio... filho de terrorista... Ela tinha 4 anos, né, minha filha. Ela falou assim: “Não... mas se Dom Waldyr está acolhendo, por que eu não posso acolher uma de 4 anos? Se ele tá acolhendo os adultos...”. Né, então a Solange teve pelo menos coragem e autoridade em encarar ali aquela situação naquele momento, né, (tosse) esse detalhe é só pra lembrar, porque quando vem a greve da... da...

**JJVS:** Era chamada greve da FEM<sup>9</sup>, né.

**CVSJ:** Dos operários... na verdade eles... não, não era da FEM não.

**EB:** *Não, era da...*

**CVSJ:** É da Odebrecht mesmo.

---

<sup>9</sup> FEM - Fábrica de Estruturas Metálicas

**JJVS:** Mas, não era de expansão da FEM?

**CVSJ:** Não. A expansão da usina

**EB:** *Da usina...*

**CVSJ:** Que tinham muitas empreiteiras...

**EB:** *Deu 15.000 operários, né?*

**CVSJ:** Só que tinha... só que tinha uma empreiteira maior que... duas maiores, que era a Odebrecht e a OAS, mas tinha um monte delas. Mundinho trabalhava numa dessas, que é subempreitada, né, da... da... da... da coisa. Então, o... o... o que aconteceu ali é que havia esse clima de tensão, um monte de homem trancado num mesmo lugar, sem poder ir a lugar nenhum fora do horário de trabalho, sob pena de não comer, de não dormir, de ser preso como vagabundo, enfim... era uma situação terrível. E eles eram temidos na cidade. A cidade de Volta Redonda (pausa) TREMIA na frente de um operário daqui. Então, eles ficavam... a vida social deles era aqui na... na... na Amaral Peixoto, nuns bares que tinham ali, entendeu? E... ou os que iam lá pra casa da tia não sei das quantas, lá em Barra Mansa, né. Mas não tinham vida social nenhuma! Outros dormiam, às vezes lá, aboletado, na Ponte Preta, quer dizer, tinha um *trailer*... *nego* ficava lá até cair de bêbado e de manhã ia trabalhar direto, enfim, era uma... era uma situação bastante terrível e a... a JOC, através da JOC, estava sendo montada uma oposição ao Sindicato da Construção Civil, né, e ali, a oposição ao sindicato brigava com o Sindicato, mas na verdade, nem a oposição nem o Sindicato mobilizava ninguém a nível do trabalho, né, porque também as pessoas não conseguiam ser de oposição sindical e continuar empregadas, eles eram logo demitidos, então, na verdade, esses operários jovens que formavam essa oposição sindical era... era uma espécie de... de operário fantasma, entende, que contratado por alguma empreiteira de algum católico, né, que Dom Waldyr pedia...

**EB:** *[Fichava...*

**CVSJ:** Fichava pra dar legalidade, pra eles poderem combater a... a oposição sindical. Então, não existia um movimento lá dentro nem de agitação, nem de organização, havia tensão. Houve vários episódios que deram pequenas revoltas, até que teve um que foi muito grande (pausa) muito grande, que os guardas espancaram dois ou três operários e que outros entraram em

defesa e aquilo gerou uma briga generalizada a nível daquele alojamento, e daí estourou e foi um Deus nos acuda porque... choveu de homem dentro dessa cidade, sem rumo... com porrete na mão, querendo pegar um, enfim, aí não... aí era greve tumulto, a palavra era essa.

**EB:** *Eles faziam passeata assim... espontâneas...*

**JJVS:** É...

**CVSJ:** “Saíam! Saíam um bando de um... de um... de uma...”, ia lá... arreventava as grades de um alojamento, aí saía batendo as portas e arrancava as pessoas lá de dentro: “Vão bora, aê!”, aí todo mundo entrava, era aquele rolo, né, tudo revoltado mermo, num tinha nada a perder e vamo que vamo, né. Isso gerou... foi noite a dentro... duas ou três noites, na verdade, aconteceram coisas parecidas, né, a cidade toda parou! Aí aquele pessoal não tinha nem pra onde ir, e tal, aí que a... a... a igreja...

**JJVS:** [Uhum.

**CVSJ:** Pegou a Igreja Nossa Senhora Aparecida, o padre que era tido...

**EB:** *O Padre Barreto!*

**JJVS:** Padre Barreto! É...

**CVSJ:** Padre Barreto que era tido...

**JJVS:** [Direita

**CVSJ:** É... era a direita de Dom Waldyr! Dom Waldyr conciliava com ele, dava lá um jeito, ele... ele era disciplinado, aceitava, mas também não aceitava... era... era essa a versão dos jovens, né, tá, talvez até o Padre Barreto risse muito dessas versões, mas (riso) tinha algum fundo de verdade, porque eles não podiam fazer muito o que eles queriam. Aí eles... a igreja passa a ser a igre- o Padre Barreto passa a ser o abrigo do coisa... e... e... e....

**EB:** *O QG da greve.*

**CVSJ:** Oi?

**JJVS:** O QG da greve.

**CVSJ:** É. Porque... porque era greve-tumulto. Eles não sabiam nem o que que era greve.

**JJVS:** Eles chamavam greve-tumulto (risos).

**CVSJ:** A maioria nunca ouviu falar essa palavra, entendeu? Essa palavra quem botou na boca deles fo- fomos nós. Na verdade, eh... greve num... era tumulto mermo! Entendeu?

**EB:** *Vocês que colocaram como greve...*

**CVSJ:** É! Não... tem que fazer greve! E tem... tem... tem que juntar, e tal. Nisso se junta todo mundo (pausa) que tinha da igreja (pausa) participativa, aqueles que não eram participativos, mas eram simpáticos, e passam a ser participativos, numa... numa... numa... e... e... e mais uma juventude da cidade que se organizava, porque Volta Redonda tava nascendo muita coisa! Então, tinha Comitê da Nicarágua, Comitê da Anistia, Movimento Feminino, né, eh... depois da segunda reunião juntou um monte de... de rapazes de esquerda, pra se oferecer: “Ó, tá faltando homem? Nós tamo aqui, e tal!”, né.

**EB:** *(Inaudível)*

(Risos)

**CVSJ:** Marlene sabe... que o negócio foi feio (riso). Então, eh... esse pessoal todo, que tava formando coisas diferentes e... e... e... principalmente o pessoal das CEBs também, se juntou na igreja do Padre Barreto, tavam... tavam espiando o seguinte: a chantagem que a empresa tinha era a comida, quem não trabalha não come, então, se o cara não for trabalhar, ele não vai... comer, né, aí de repente nós tínhamos a comida pra dar de alternativa, entende? E a cidade toda ia lá fazer doação. Não sei por onde foi chamado, eu sei que parava aquele carro bacana da época, descia alguém com uma bolsa, entregava prum operário daqueles e falava assim: “Olha, vocês fiquem calmos, hein, fiquem calmos que isso vai dar certo!”

**JJVS:** [risos]

**CVSJ:** “Fiquem calmos!”. Chegava outro carro e: “Oh, cês fiquem calmos!”.

**JJVS:** [risos]

**CVSJ:** E os calmos iam levando aquele monte de comida pra lá e quem mais chegava na cidade, por conta da greve, ia pra lá. Então, lá era o local...

**JJVS:** [É...

**CVSJ:** E à noite se tentava fazer uma assembleia, né, colocando na frente da assembleia o rapaz que era... eh... cabeça da oposição sindical, que até então não tinha raiz, mas ele... era greve, entendeu, tinha que ter um líder, né.

**Participante:** *Não era o Gabriel?*

**CVSJ:** Gabriel.

**JJVS:** Gabriel.

**Participante:** *Gabriel.*

**JJVS:** Irmão do Abel, irmão do Abel.

**CVSJ:** Alguém tinha...

**Participante:** *Irmão do Abel.*

**CVSJ:** Alguém tinha que ir pra negociação. Tinha que ter uma comissão, né.

**JJVS:** Até o João do Crato entrou nisso.

**CVSJ:** Pois é... Aí tem um...

**JJVS:** [risos

**CVSJ:** Entra outro personagem...

**JJVS:** [(risos) Aí...

**CVSJ:** Que é um companheiro nosso... que era casado com a irmã dela, que... viveu o período pior da ditadura, clandestino, no sul do Brasil, ele com a irmã dela, vieram pro Brasil com a guerrilha, perderam o contato e ficaram sobrevivendo aí até a Anistia, então, isso tudo foi antes

da Anistia, esses... esse episódio. Quando nós fomos soltos, eles vieram pra Volta Redonda também e foram morar com a gente e o João... além de faltar alguns dentes na boca, ele era nordestino, falava *cearês* assim... bem... cearense mesmo, eh... ele ficava o tempo todo lá, meio que orientando a *peãozada* e fazendo aquela piada de nordestino, não sei o quê... ele era o peixe na água, ele tava perfeito e durante muito tempo também ele trabalhou no sul como boia-fria, junto com nordestinos, né. Então, quer dizer, ele tinha... isso pra fazer a cabeça dos boias-frias pra revolução, entendeu, então, ele tava no... ele tava no mundo dele e os caras tavam no mundo do João e foi uma beleza aquele negócio lá. Ele não aparecia muito, ficava lá de dentro da igreja, né, e o burburinho se dava muito em torno do João, a gente chamava João do Crato.

**EB:** *João do Crato.*

**CVSJ:** Então, tem essa... essa... esse... são muitos personagens, entende, que foram se somando ali naquela confusão, porque além das coisas que estavam acontecendo na cidade, tinha o que estava acontecendo no país, que... naquele momento, era... era exatamente a véspera da votação da Anistia, então, no Congresso havia todo um burburinho forte por conta disso e ao mesmo tempo, era o momento da... da... da Reforma Partidária, da... da formação dos novos partidos, de quebrar o bipartidarismo, então, estavam... coincide, na... na... no dia que estourou a greve, estava aqui: era o Ney Stuard reunido com um grupo do Partido Comunista

**JJVS:** Zé Maurício...

**CVSJ:** Pois é... mas esse tava lá numa reunião,

**JJVS:** [Ah...

**CVSJ:** Com mulheres do Partido Comunista, não sei o quê, e tal, visando a montagem do Partido do... do... do... PMDB<sup>10</sup> e elas estavam na articulação pra montar o PMDB

**JJVS:** [Com a Eloah...

**CVSJ:** E estava o Zé... com a Eloah. E estava o Zé Maurício com a Secretária Geral do PDT<sup>11</sup>

**JJVS:** [Não, do futuro PDT, né.

**CVSJ:** O futuro PDT

**JJVS:** [Casa do Edyr

---

<sup>10</sup> PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

<sup>11</sup> PDT - Partido Democrático Trabalhista

**CVSJ:** Que era os Brizolíticos, na casa do Edyr, que é outro personagem da história de Volta Redonda, que é a história, uma história que tem que ser contada também...

**EB:** *Ele já deu depoimento (inaudível).*

**CVSJ:** Ah, muito legal! Porque ele... ele e o pai dele também viveu aqui bastante tempo.

**EB:** *O pai dele é uma figura maravilhosa!*

**CVSJ:** Então, o Edyr, na... na casa do Edyr tava reunido esse pessoal que veio formar o PDT, né, que eram os amigos do Edyr, que o Edyr conhecia aqui da esquerda, da esquerda mais marxista mesmo, e que o Edyr, eh... escondido, agregava. E tinha... tinham esses dois e tinha o Modesto da Silveira.

**JJVS:** Devia tá na reunião da...

**CVSJ:** Não, era outra reunião, com advogados, tava com Raimundo.

**JJVS:** Ah...

**CVSJ:** Raimundo que era um... oi?!

**EB:** *Raimundinho ou Raimundo (inaudível)?*

**CVSJ:** Não! É Raimundo Teixeira Mendes, que era membro do Partido do PCBR<sup>12</sup>, que foi preso com a gente na Ilha Grande... ele... ele...

**Participante:** *(Inaudível).*

**CVSJ:** Oi?!

---

<sup>12</sup> PCBR - Partido Comunista Brasileiro Revolucionário

**Participante:** *Não é com a Rosa, não?*

**CVSJ:** Não, não... Rosalice não tava nessa história não... não sei por quê... nesse dia... nessa coisa, né.

**EB:** *Nesse dia... era um dia que tava todo mundo aqui...*

**CVSJ:** Era um dia que tava...

**JJVS:** Tava todo mundo aqui!

**CVSJ:** Né, aí... o nosso grupinho que fazia a... a... a...

**JJVS:** A coisa da Anistia...

**CVSJ:** Tava até esquecido disso... o grupo da Anistia, né, Comitê de Anistia, que tinha eu, a Jessie, o João do Crato,

**JJVS:** [Marlene...

**CVSJ:** Marlene, é...

**JJVS:** [O Cacá!

**CVSJ:** é...

**Participante:** *Cacá... os estudantes de Medicina...*

**JJVS:** Isso... a Cida Diogo...

**CVSJ:** Cacá, estudantes de Medicina... enfim...

**Participante:** *Que era vinculado ao Caruso!*

**JJVS:** Ah, era o Caruso! Caruso foi tão importante nessa greve!

**CVSJ:** O Caruso tava faltando...



**JJVS:** Olha... que figura maravilhosa foi o Caruso...

**CVSJ:** Entra essa... essa... eh... eh... eu lembrei do grupo porque um deles arrombou a porta pra poder... eh... arrombou uma reunião, que era o Tedesco. Então, tava o Tedesco com um grupo, eu acho que o Isaque fazia parte... tin- tinha um outro grupo de operários, entendeu, que faziam parte do Comitê da Anistia e que tavam convidados pra ir nessas reuniões, então, conforme estourou o problema, “Vamo pegar os caras e trazer os caras”, porque... eh... na verdade tinha tiro, cê escutava tiro, cê num sabia quem tava atirando, se era a polícia, se era eles mesmo, entendeu, sabe... tinha notícia de que morreu na... na... na Ponte Preta, então, nós tivemos (pausa) eh... eh... oito episódios de... quase certeza de que alguém morreu (pausa) nessa... nessa história. Então, esse pânico também de forçar trazer gente que pudesse falar com a imprensa ou coisa também, ele se justificava não só pelo que tava acontecendo na cidade assim... em termos de... de... de movimento, mas em termos de que tavam matando as pessoas, né, a gente imaginava de tudo, então a... a... eu não me lembro da... da... da presença da PM<sup>13</sup>, entendeu? Não me lembro. Nas greves metalúrgicas todas eu lembro, nas dos... dos... dos peões eu não lembro, mas a Polícia Civil tava enrolada lá nesses negócios... e tinha uma Guarda MUITO PESADA, eh... meia sanguinária mesmo, entendeu, e que era das empresas, essa Guarda das empresas espancavam, batiam, sumiam as pessoas, sei lá o que eles faziam, entendeu, então, esse... esse outro detalhe assim... que formou esse caldo da greve, entende, é importante, que são desses políticos que acabaram acampados aqui...

**JJVS:** Acampados (risos), literalmente!

**CVSJ:** E trazendo mais seus assessores, e mais outros políticos vieram porque tavam perdendo espaço praquele que tava aqui, né, e Volta Redonda passou a ser um ponto de... de atração novamente, né, de tantas outras vezes que já foi (riso), né. Então, essa... essa... eh... agora não havia... eu não me lembro de noticiário a respeito, entendeu...

**JJVS:** Era Figueiredo, né, Colombo, na época, cê não tinha ainda...

---

<sup>13</sup> PM - Polícia Militar

**CVSJ:** Era muito... mínima, entendeu, em termos de repercussão externa era... era muito pequena e aquela coisa... aquela assembleia da... da... Nossa Senhora Aparecida foi virando uma assembleia permanente, que aí a *peãozada* não tinha nem pra onde ir, nem dinheiro pra cachaça, tinha lá que ia comê, então ele ficava por lá mermo, depois tinha a outra comida, e depois tinha a reunião, depois tinha a assembleia, tinha agitação, aí eles iam pra lá, né...

**EB:** *E como é que concluiu a greve? Houve alguma negociação? Houve acordo?*

**CVSJ:** Ah, sim. Aí tem essa necessidade da negociação, aí que é formada a comissão, né, com o Gabriel. Quem montou essa... essa... na verdade, quem montou a comissão foi o Mundinho com o João do Crato, entendeu, eles... eles que fizeram essa... essa... a escolha lá dos personagens pra... pra coisa, mais o Gabriel. Aí essa... pra essa comissão se reunir, tem que ter uma pauta de reivindicação, né, e o... o José Maurício era o político que tinha mais paciência pra lidar com a *peãozada*, entendeu, porque tinha até que fazer piada, tinha que não sei o quê, enfim, ele dava lá um jeito. Então, tem que fazer uma pauta, né, de reivindicações. Tem que ter lá uma lista

**Participante:** *[De reivindicação]*

**CVSJ:** E tal, tal, tal. “Não, mas isso num sei quem não dá de jeito nenhum”, “Então, é greve-tumulto!”, né,

(risos)

**CVSJ:** “Greve-tumulto!”, a resposta era sempre greve-tumulto. “Ó, mas tem que conversar com jeito, não sei o quê... não, deixa o Dr. Advogado”, era o Raimundo, né, “Dr. Advogado falar, porque aí ele tem um jeito lá melhor, e tal...”, “Não, falo eu!”, (riso). Então, sabe, era bem tosco mesmo o negócio, né, uma coisa espontânea mesmo. Então... aí, começou haver o seguinte: a greve ia se prolongando, a usina ia ficando e ia pressionando mais as empreiteiras, e as empreiteiras tentando buscar uma solução sem ceder muito, que era um... eh... eh... um cruzeiro era mil cruzeiro, a que tinha menos tinha mil empregados aí, então, num podia... vacilar né, na... naquela negociação, eles jogavam duro, então, a... a... a negociação ia ficando difícil e a resistência continuava tranquila, entendeu? O pessoal parou de a... de avançar nas coisas andar pela cidade, se concentrava ali, entendeu, havia muito também... discussão: “Olha, se tiver confusão atrapalha a greve”...

**JJVS:** Mas, quem que negociou?

**CVSJ:** Hein?

**JJVS:** Mas, quem que negociou no final?

**CVSJ:** Aí foram essas... a... a... a... aí entra a (pausa), tinha outro deputado federal, não lembro o nome (pausa), veio depois...

**JJVS:** [Os deputados entraram

**CVSJ:** O que acontece é o seguinte: ia ter a votação da Anistia em setembro.

**JJVS:** Em agosto.

**CVSJ:** É, em agosto. Então, tinha que ter todo mundo. Eles tinham que tá lá! Se não ele ia perder a Anistia, entendeu? A coisa ali era homem a homem, e cada um tem influência sobre o outro, então, os cara começaram a ficar aqui em pânico e ao mesmo tempo não conseguiam ir embora daqui. Então (riso), era aquele negócio, ficava meio prisioneiro da... da... da greve mesmo, né, e começaram também a pressionar a comissão a coisas que a comissão não queria aceitar, né, eu não me lembro mais nem qual era a pauta, entendeu, nem qual foi o resultado da... da... das negociações. Ó, eu acho quem teria melhor memória disso aí era o Raimundo, do... do... do que eu, porque ele fazia parte da comissão também, entende, então, ele tinha mais coisa, mas obrigou a... a ne- a... a... os patrões só sentavam também, com a presença dos deputados, entendeu?

**JJVS:** Eu imagino que Dom Waldyr deve ter tido influência nessa negociação.

**CVSJ:** Ele... pois é, mas Dom Waldyr... aí tem um estilo, né, Dom Waldyr só bota mesmo a presença física dele na hora de decidir coisas, se é pra ficar no *nheco-nheco*, e tal, não sei o quê, ele manda alguém fazer, né, aí Dom Waldyr tinha essa qualidade (riso), sabia a hora de jogar o peso da força dele.

**EB:** *Agora vou fazer uma pergunta pra Jessie. Ô Jessie e como foi a... a gente vai dar um salto pra participação de vocês junto com o Juarez. Assim, vocês foram pessoas muito presentes na atuação do Juarez aqui, na construção da sua liderança, e nas decisões que ele tomou, eh... parece que vocês tiveram forte participação, então, eu gostaria que você explicasse essa aproximação do Juarez e como se deu essa construção da liderança do Juarez (inaudível) do Sindicato?*

**JJVS:** Veja bem, na... nesse final do... do... quando terminou... final do 79, nós voltamos pro Rio, não tínhamos perspectivas aqui... de profissional... voltamos pro Rio, eh... eu tinha projetos de estudar, né, e... eh... o Colombo se aproximou da oposição sindical, que havia dentro daquele campo da oposição sindical, disputas, né, que ele sabe melhor que eu. Eh... eu... na verdade, me aproximei disso via Colombo, mas eu tava... eh... quando o Juarez assumiu, eh... ganhou a eleição, Colombo depois pode falar o processo, porque eu não participei disso, mas assim... quando nós estávamos aqui, já havia os projetos de oposição sindical e disputas de quem seria a liderança, a igreja formando lideranças, enfim, aí havia da... aonde que surge a liderança do Juarez aí da fábrica, né, um personagem que surpreende. Eh... a minha... eu fui pra Niterói, na UFF<sup>14</sup>, e tal. Quando o Juarez ganha a eleição, o Albano convida o Colombo pra vir trabalhar como assessor no sindicato. Nessa época, nós tínhamos o grupo de mulheres aqui em Volta Redonda. Eu vinha sempre aqui, acho que coisa do... me aproximei dessa coisa de... das mulheres feministas, e tal, eh... e depois nós montamos o Centro de Cultura aqui, né, o Centro de Cultura Popular, e eu... e montamos o Centro de Memória, a Escola Sindical, e a minha participação nisso foi muito mais numa política... naquela época era muito, digamos, ficava muito presente a coisa das assessorias, e da, dos grupos de... de formação sindical, né... de montar as oposições, é... de, de, de ensinar, enfim... o marxismo-leninismo dos trabalhadores (risos), é... e a coisa da memória, época de formação dos Centros de Memória do Sindicato. Tava as oposições do sindicato ganhando os sindicatos e havia toda uma discussão do que fazia com a documentação sindical. Eu já envolvida com a coisa de ser Historiadora... é... enfim, já tava fazendo Mestrado na UNICAMP<sup>15</sup>, na área de História Social e me envolvi muito por essa... por esse viés, entendeu? Eu nunca tive assim... eu participo pessoalmente proximidade com o Juarez, não é, eu tinha um projeto de formação sindical, de aquela coisa de poder dos trabalhadores, classe operária, a classe redentora, né, e por aí muito mais de formação sindical de memória, eu nunca... eu não participava do cotidiano do sindicato, só vim participar mais do

---

<sup>14</sup> UFF - Universidade Federal Fluminense

<sup>15</sup> UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

movimento do sindicato momentos depois, muito pouco, tinha mais uma coisa mais, digamos assim... profissional na área da minha profissão, quer dizer e é óbvio que entendia o Juarez como uma pessoa que nasce da fábrica, coisa do chão da fábrica, né, aquilo distinguia muitíssimo das outras... das outras propostas de liderança, né. Então, mas o Colombo tem mais essa... essa intimidade, né, eu... a minha participação se dá mais nesse aspecto.

**EB:** *E... e você acompanhou aquele início da... do sindicato, né, da formação, da... de uma nova... do novo sindicalismo, que se falava lá na época.*

**JJVS:** [É, é

**EB:** *Do sindicalismo diferente do que tinha sido...*

**JJVS:** Eh... eu nunca tive essa visão, viu ô Edgard, assim... sabe, eu nunca tive essa visão de um novo sindicalismo, num... eh... eu num... esse pacote eu não comprei todo ele não, né. Eh... até por... como eu tinha... vinha de uma tradição anterior, né, de movimento sindical, movimento social, e talvez até de uma vivência principalmente da tradição dos comunistas, eu via aquela história com muito... porque no meio disso tem a coisa das... da formação dos partidos, né, e aí vem a coisa do PT<sup>16</sup>, né, formação do PT, eh... quando... nós, por exemplo, no começo, nós eh... nos filiamos ao PT porque passou lá em casa um pessoal fazendo uma assinatura, lembra? E eu falei pro Colombo: “Ah, vamos assinar, pelo menos é mais um partido.”. Só que logo nos surpreendemos porque, na verdade, logo em seguida, Colombo virou Presidente do par- do PT Niterói e vivemos, por exemplo, a campanha da eleição, de 82, né, nessa coisa de PT, e tal, mas aquilo me... aquele negócio da proposta do PT, eh... coisa de igreja, não sei o quê, me incomodava, entendeu, aquela ideia de tudo nasce em São Bernardo, né, eu tinha essa... esse DNA pra trás, né, eh... eh... mas de qualquer forma na Academia esse era o discurso dominante, né, havia toda a construção da... dessa mitologia, do ABC<sup>17</sup> Paulista... da... contra o populismo, dessa coisa do populismo... essa coisa toda. Então, ah... eu sempre fiquei muito assim... na beirada disso... entendeu, sempre desconfiei desse negócio que não era bem assim, né, mas eh... tinha essa ideia de formação, mas na verdade, eu acho que pensando hoje, eu tinha muito mais aquela coisa de escola de quadro do partido do que a coisa da formação via (inaudível), entendeu, aquela coisa de história de quadros, de... era muito mais isso do que outra coisa, pensando hoje, né, entendeu?

---

<sup>16</sup> PT - Partido dos Trabalhadores

<sup>17</sup> ABC - ABC Paulista - região industrial do estado de São Paulo

**EB:** *E o Juarez abriu espaço pra isso, né?*

**JJVS:** Não... o Juarez, ele num... num... até mesmo o nosso trabalho com ele, o Juarez era uma pessoa extremamente aberta, extremamente, ele não... não... não tinha nenhum tipo de... não punha nenhum obstáculo pra isso, quando nós montamos, por exemplo, a escola sindical no Retiro e o Centro de Memória, o Juarez... ele achava aquilo ótimo... ele num... o Juarez era um homem da fábrica, né, então, ele era uma pessoa muito ba- de uma vivência muito diferente da nossa, mais velho que a gente, né, certamente com uma leitura de mundo com outras complexidades, né, mas ele tinha uma relação conosco muito fraterna, muito... aliás, a direção do sindicato toda... eh... a meninada e o Juarez, não havia nenhum tipo de problema, o contrário, né, ao contrário.

**EB:** *Aí eu queria perguntar pro Colombo sobre a greve de... 84, que foi a greve que... assim... colocou à prova a liderança do Juarez e a organização que começou a se construir dentro do sindicato, com ativistas, você tava ali naquele momento, eu acho que diretamente ligado à Assessoria do Sindicato e participou da organização e da discussão disso, você poderia falar pra gente como que, na prática, a greve de 84 refletiu essa nova postura e organização do sindicato dos metalúrgicos.*

**CVSJ:** Olha, a... a... ne- nessa aí, a Jessie já tava até os cabelos, sabe.

**JJVS:** Nessa greve?

**CVSJ:** É, na... na última greve. (riso)

**JJVS:** Não, na última sim.

**EB:** *Não, na de 84.*

**JJVS:** 84 não.

**Participante:** *Na de 88.*

**CVSJ:** Ah, você diz a primeira greve que... que...

**EB:** *Não, não, a que teve a participação do sindicato.*

**CVSJ:** Ah, sim. A primeira greve, eh... na verdade não, porque eu... eu ainda não estava, ainda não tinha voltado pra Volta Redonda, voltei exatamente na greve, entendeu? A... a...

**EB:** *[Você chegou no momento...*

**CVSJ:** A minha... a minha... a minha participação na... na história aqui do sindicato, bem, assim... primeiro só uma... uma... eh... o Albano que tá ali, aquele velhinho ali?

(Risos)

**JJVS:** Eh!!! Finalmente, né!

**CVSJ:** Conheci pelo sorriso.

**JJVS:** Fugiu da gente quase uma década, mas bem aqui!

(risos)

**CVSJ:** Na verdade, eh... nessa época eu tava trabalhando, eh... quando teve a eleição, aqui na... na... Juarez presidente nessa chapa de Albano, Luizinho, (inaudível), Wilson, esse povo todo, eles... eles... o Albano... eu trabalhava na Assembleia Legislativa como Assessor do Deputado José Hilde, que era do PT, e o Albano, eh... ia atrás de... de ajuda pra... pra chapa, né. Então, no... no... no processo de formação, nem da formação dessa chapa nem de quando se organizou eu num participei, eu estava no Rio, participei assim a... de apresentar pessoas pro Albano pedir dinheiro pra fazer campanha aqui (riso), não é isso?

(Risos)

**CVSJ:** Então, eh... eh... eh...

**EB:** *[Mas aí...*

**CVSJ:** Sabia que estava sendo organizada a... a greve, né, já havia a proposta de eu vir trabalhar aqui, sabia que tava sendo organizada a greve, mas não tinha a menor noção, menor noção do que que seria isso nem da importância dessa greve pra ser mais exato, não tinha noção nenhuma (riso),

**EB:** *E quando você...*

**CVSJ:** Aí vim pra cá, eh... quando eu cheguei, eu já cheguei com o *pau comendo*, entendeu, o pessoal já estava... já tinha ocupado, e tava... estava aquele... um... um... um conflito tremendo, que era um conflito, eh... entre a militância da greve, entre a militância sindical e que... que acabou culminando na história se continua ou para a greve, né, bem se... se bem simplificado, na verdade, era... era aquela coisa: “Temos que levar, conseguimos ocupar, temos que levar até ganhar as reivindicações”, e a outra ideia não, “Nós já ganhamos porque nós paramos a greve, mostramos a força de negociação”. Então, ficou essas duas coisas se... se... se conflitando, né, e... e... e a coisa assim... eh... eh... eu posso dizer assim mais como espectador mesmo, um espectador de fora, entendeu, porque de repente, tinha... a cidade toda participando, eu vi pelo lado de fora, junto com a cidade, entendeu, toda participando daquilo, eles tavam lá dentro (riso), entendeu, o Juarez tava aqui fora, né, inclusive era uma das críticas que ele devia estar lá, só que se ele não estivesse aqui fora não articulava nem negociações nem... nem sequer a unidade pra conseguir parar a greve ou pra continuar a greve, que o ponto de unidade ainda era a liderança do Juarez, num era uma organização de militância, entendeu, isso no meu entendimento que via aquilo de fora, que eu acho que foi mais organizado durante os anos do... que do que antes, que eles tinham recém-empossados na... na... na... no sindicato, né.

**EB:** *Bom, eh... qual é... qual foi... eh... se pudesse definir, eh... quando é que você se aproximou mais do Juarez, se tornou uma pessoa importante na... na... nas decisões do Juarez, dialogava com você e com os outros, mas como sendo assessor... oficialmente.*

**CVSJ:** Eu acho que... bem, primeiro é o seguinte, eu conheci o Juarez, a Jessie também, é que ela não tava lembrada, numa reunião de... no... no MDB<sup>18</sup> de Volta Redonda, aquelas coisas da reorganização partidária e nós éramos... nós tínhamos uma bandeira que era a Anistia, então nós íamos a tudo quanto é lugar com a nossa bandeirinha de pedir apoio pra Anistia, né, e...

---

<sup>18</sup> MDB - Movimento Democrático Brasileiro



então, tinha um tal de MDB Jovem, né, e lá estava nesse... nessa reunião desse... MD... MDB Jovem... como é que era o nome do presidente da juventude, lá, aquele partidão do...

**JJVS:** Não tenho a menor ideia.

**CVSJ:** Tinha um... um líder que ele era mais... bem mais velho ainda que o Juarez, não tinha jovem nenhum no negócio, aí... aí eles (riso), mas era o MDB Jovem, era a instituição da qual eles faziam parte, né, e... e... o Juarez falou do... do... do... da formação do Partido dos Trabalhadores, né, que havia uma proposta, dos sindicalistas de fora, de São Paulo, e tal, e não sei o quê que tava... enfim, e que também... e também verbalizou a história da Anistia que num... ele não afirmou que... que não era A bandeira dos operários, mas botou na boca do Lula, né, e... e jogou isso pra gente e ficou uma... uma polêmica desse negócio, era tudo o que eu conhecia do Juarez. E por parte da Juventude, a Juventude Católica, os nossos amigos, eles sempre citavam o Juarez como um candidato a pelego, que era, seria um tipo Lustosa, entendeu? Então, havia toda uma construção de uma... de uma oposição sindical, outra que era via ACO<sup>19</sup>, né, e conforme forma a chapa, né, o Juarez é que nos informa que... quando se formou a chapa, o Juarez juntou... eh... aquele pessoal que nos frequentava, tipo Albano, né, mais... eh... o pessoal da convergência socialista, mais não sei o quê, enfim, juntou tudo que não fosse ACO e fez lá uma chapa, não sei se eram os amigos do Juarez e mais essas pessoas que tavam...

**Participante:**  
*Operária*

*[O pessoal da Pastoral*

**CVSJ:** despontando lá dentro da Usina. Oi?

**Participante:** *O pessoal da Pastoral Operária que desde... (inaudível).*

**CVSJ:** Ah, o pessoal da Pastoral Operária, exatamente. Bem, eh... o mui-... mui-... muito que eu... que eu... que eu posso dizer é isso, não tinha muita...

**JJVS:** Não, mas quando ele perguntou... a pergunta dele...

**EB:** *Mas, você (inaudível)...*

---

<sup>19</sup> ACO - Ação Católica Operária

**CVSJ:** Aí não, mas aí foi com a greve. Aí foi na greve, porque na greve, eh... não tinham muito interlocutores, né. Então, tínhamos eu, a Rosalice, e... na verdade, era dividido eu, Rosalice e o Juarez lá, né. O... o... eu não me lembro se é o Albano, se é o Luizinho, tinha uns que de vez em quando fugiam lá de dentro e vinham conchavar como é que tava a situação lá dentro, e tal, mas nós ficamos 24 horas ali dentro do sindicato trocando figurinha e vendo como encarar. E tinha... a outra coisa que era... a... a... o Juarez tinha uma perspectiva eleitoral para o Parlamento. O Juarez recém-empossado deputado federal, ele já pensava na Constituinte, então... e também não tinha muito com quem trocar esses assuntos, era eu... ah, e tinha os advogados que eu tava esquecendo, que era o

**EB:** *[O Campanário*

**CVSJ:** O Campanário, o Gutinho e o Márcio (inaudível), eram três, três advogados do Partido Comunista que vieram apoiar a chapa e aqui ficaram os advogados sindicais e tinham vivência... e eu nem sei, o Albano é que sabe desses negócios, como é que eles... acho que foi o Dalprat que indicou, não foi? O Dalprat que era presidente da Federação que indicou.

**EB:** *É... só uma breve...*

**CVSJ:** Eu só citei os advogados porque eles eram importantes...

**EB:** *[Importantes, né.*

**CVSJ:** Nessa roda do que fazer a casa bonita (riso), entendeu?

**EB:** *Só uma perguntinha de... esclarecimento, que você era uma pessoa que tava dentro ali do processo de decisão do Juarez, tinha... há todo um mito, uma lenda, de que o Juarez era uma pessoa centralizadora, tomava as decisões, mas ao ver as pessoas identifiquei que ele necessitava de diálogo, como é que era esse diálogo com o Juarez? O Juarez perguntava ou vocês falavam, ele escutava, mas vocês ficavam falando... só pra ter um (inaudível)...*

**CVSJ:** Eh... grande parte da coisa ele já tinha pronto e ouvia as opiniões pra saber como é que ele ia defender o que ele já tinha pronto, entendeu? Grande parte da (riso) Juarez tinha muita opinião própria, entendeu? Já... já a coisa.

**EB:** *Mas, ele perguntava?*

**CVSJ:** Aí tem o que ele perguntava e o que ele afirmava (riso), enfim, aí varia e eu acho que o Juarez se assessorava muito mais fora, que o Juarez conversava com todo mundo, entendeu? Então, ele... tem uma CSN profunda aí que quando o bicho pegava, ele entrava pra lá e voltava cheio de ideia, entende, acho que é onde ele...

**JJVS:** Acho que tem uma característica do Juarez... tem uma coisa do Juarez, que eu acho que diferenciava o Juarez, eh... e lhe dava a notoriedade que ele teve, porque o Juarez era uma pessoa que pensava a política, entendeu? Ele tinha uma... ele, na verdade, ele se aproxima do movimento sindical via da po- pela via da política. Ele não era um sindicalista... eh... comum, entendeu? Ele era

**CVSJ:** [Foi candidato a prefeito na terra dele

**JJVS:** Ele era uma pessoa que tinha uma noção de... de... de... da sociedade e diferenciava muito, uma vivência muito... ele morreu muito cedo, a gente... mas deve ter tido uma vivência muito rica, né, ele era uma pessoa mais velha que viveu e tinha uma vivência de fábrica, ele não era uma liderança, não foi uma liderança construída em espaços pré-fabricados, digamos assim, né, ele era um cara da fábrica e que tinha tido uma... ele tinha uma visão da política, de estratégia da política, entendeu? Então, ele... ele... ele sabia ler uma conjuntura, por exemplo, né.

**CVSJ:** [Sentido de classe

**JJVS:** Tinha sentido de classe, essas coisas... um animal político com uma... um instinto de classe muito forte.

**EB:** *A saída dele do PT pro PDT foi eh... em função de... que o caminho tava fechado pro PT ou de... ou eh... de identificação com (inaudível)*

**JJVS:** Olha, eu acho que o Juarez saiu do PT por um problema de não compreensão da política que o PT tinha, entendeu? Qual era o problema? O PT naquela época tava, enfim, o projeto de poder do PT, né, eh... então, você tá saindo de uma eleição, que é uma eleição direta, né, e você tem que ter cunho de força na cidade, o Juarez tinha essa noção, de que havia uma... havia um sindicato, havia uma fábrica e tinha uma cidade e ele dialogava com isso, entendeu? De entender que o projeto do PT naquele momento era um projeto estreito, que não alcançava a democracia, o Juarez era um sujeito da democracia, entendeu? Ele tinha essa noção, que muitos de nós não tínhamos, inclusive nós não tínhamos, ele tinha mais que... que... que muito mais,

ele se diferenciava que eu acho que a visão do Juarez era por aí, entendeu? Entender que, na verdade, aquilo era estreito.

**CVSJ:** Olha só... eh... primeiro é o seguinte, eh... tem a... tem a... tem essa coisa da... da estreiteza do PT mesmo, e aqui em Volta Redonda a coisa se dava de uma maneira pior porque se traduzia literalmente à coisa extremada que eh... falava-se lá em São Paulo, então tipo assim: “Tem que dar 10% do salário do vereador que se elegeu pela legenda do PT, tem que dar 10% do seu salário para o partido”, né, o PT de Volta Redonda votou 100%, só elegeu um vereador (risos),

**CVSJ:** Que era o Edson Santana e votou que ele tinha que dar 100% do salário dele, né. Encontrei com os companheiros do PT e falaram assim: “Ferramos com o Edson Santana”, entendeu, “agora ele tem que dar 100% do salário dele”, “Vocês ferraram foi com o PT, pô”, “porque ele é o único que tem mandato”, “sai todo mundo e o Edson Santana fica”, e eles pá, amargaram isso aqui durante muitos anos, essa... essa bobagem de levar ao extremo, e tal, e esse processo eh... eh... político, esse processo político de PT pro PDT, ele foi um processo que ele foi crescendo, né, primeiro os advogados gostariam muito de levá-lo para o PMDB, entendeu, eram todos do PMDB, segundo, eh... qualquer partido queria um líder daquele tamanho, só o PT que num

**JJVS:** [Que num queria (risos)]

**CVSJ:** Ligava muito,

**JJVS:** [Só o PT que não queria (risos)]

**CVSJ:** entendeu (risos)?

**JJVS:** [(risos)]

**CVSJ:** Porque “poxa, não, é melhor o fulaninho dos... da Kibon, que vai eh... eh... eh... eh... sei lá do quê”, enfim, é o dogma, entendeu, o Juarez não, era imprevisível, então era perigoso, tinha essas coisas, ele falava direto com o povo, então, tinha esse negócio, mas o Juarez ouvia todo mundo, esse negócio do ouvir, tudo bem que tivesse uma relação política mais privilegiada talvez comigo e com o Albano, entendeu, do que com o resto do grupo ali, mas, ele tinha, eh... eh... esses outros caminhos, e até me surpreendeu porque estava em jogo a eleição do Tancredo, o momento que se dá essa ruptura de fato, se dá ali, Tancredo com Sarney de vice, então o PT fechou questão, né,

**JJVS:** [Contra o Colégio Eleitoral]

**CVSJ:** contra o Colégio Eleitoral e... e não votar nem Tancredo nem ninguém, e tal, num vota porque é contra o Colégio Eleitoral, e o Juarez primeiro era contra essa opinião, depois teve a eleição, no dia que teve a eleição, o PT determinou a expulsão dos deputados federais que votaram no Colégio Eleitoral, Juarez escreveu uma carta. Grande parte daqueles conflitos que muitas vezes diziam que era eu que escrevia, era ele mesmo que sentava ali e ele escrevia à caneta ali os panfletos. Ele escreveu uma carta à Direção do PT se desligando do Diretório Nacional e por quê se... se desligou, né. Hoje eu penso: “Pô, queria ter essa carta”, porque joga essa diferença que o PT tava se colocando naquele momento, eh... eh... eh... totalmente absurda, né, três deputados importantes, entendeu, que... que discordaram e foram ex- e foram expulsos, então, ele não, nesse momento ele não se retirou do PT, mas se retirou da Direção Nacional e me perguntou: “Você assina, ô Colombo?”, acabei de ler e falei: “Assino, claro!”, assinei ali junto, não sei se ele levou pra outras pessoas assinarem, eu sei que, eh... eh... eh... ele apresentou essa carta pro Lula, eh... eh... eh... assim... continuou PT, entendeu, mas continuou no PT ouvindo mais proposta ainda, né, sabe... então, a coisa tava... e eu nem sei como foi a... a... essa intimidade tanta que eu tinha, eu nem fiquei sabendo como foi esse acerto dele eh... eh...

**EB:** [Com o Brizola

**CVSJ:** com o Brizola, essa conversa que ele teve com o Brizola, entendeu.

**JJVS:** O Albano talvez saiba.

**CVSJ:** Eu sei que quem... quem fez essa ponte foi a Rosalice, eu não sei nem se ela participou da conversa, através de Fernando Lopes, deputado na época, principal assessor do Brizola.

**EB:** *Agora, eu queria tematizar a questão das intervenções militares nas greves que ocorreram após a greve de 84, então, 86 foram duas greves, 87 foram duas greves, 88 duas greves, sendo que a última foi aquela greve, né, um ataque violento. Queria que vocês analisassem, eh... dentro desse cenário, as razões que levaram à intervenção que foi no início... foi uma intervenção não... ela foi violenta, mas num causou violência física nas proporções que a última causou, né. Queria que analisassem tudo que ocorreu em 88, no governo de 88, em razão desse encontro que nós estamos tendo agora eh... focar nesse... eh... o que aconteceu, eh... e a mudança de atitude dos militares, eles arriscarem tanto, tudo que eles fizeram e os desdobramentos. Queria que esquematizassem a intervenção, a força militar...*

**JJVS:** A presença dos militares.

**CVSJ:** Pois é, olha só, eh... primeiro é o seguinte: era sabido que haveria alguma presença (pausa), era sabido que haveria alguma presença, eh... eh... dos militares que houve nas outras, mas nós estávamos com um... um governo novo, eleito pelo Colégio eh... Eleitoral do Congresso, e estávamos mediante a um... a um acordo de volta à democracia, um acordo por cima que tava tratado, e tal, não era esperado, e às vésperas de uma eleição municipal importantíssima e as capitais mudariam coisas, enfim, a mexida das peças pra eleição presidencial por via direta seria ali, né, a... a... a intervenção naquele momento, NAQUELA VIOLÊNCIA, nos surpreendeu a todos (pausa), entendeu? Aliás, a... a... a... a todo mundo que acompanhava (riso) o... o... os movimentos sindicais de Volta Redonda e de... que sempre sofreu intervenção Volta Redonda e Embratel<sup>20</sup>, Embratel não, eh... a aérea lá de São José dos Campos, a Embraer<sup>21</sup>

**Participantes:** [*Embraer*]

**CVSJ:** Era CSN e Embraer, todas as... as greves tiveram intervenção, mas não naquela proporção que eles atacaram a cidade, né, atacaram tudo... um negócio assim... totalmente descomunal, com uma Constituição recém-promulgada, com governo civil (riso), tudo foi um desafio, né. E aí, e... e eu acho que a Jessie analisa mais, porque eu fiquei mais foi no calor do... do... do negócio mesmo, entendeu, e... e... e nós conseguimos, o Sindicato conseguiu, a presença maciça da... da imprensa internacional aqui, entendeu, muito em função por ter dado, eh... por ter passado essa informação, do nível de violência praquele momento, né, a Jessie foi, inclusive, chamada de louca por tá dando esse tipo de informação, né (risos), eu passo a bola pra ela (risos) porque ela que eu acho que tem mais essa noção de conjunto do que eu que tava ali na... na... eh...

**EB:** *Hein Jessie, você aproveita e fala da decisão*

**CVSJ:** [Procurando cadáver.

**EB:** *da decisão que você tomou de transferir os documentos do sindicato, que parece...*

**JJVS:** Isso foi posterior.

---

<sup>20</sup> EMBRATEL - Empresa Brasileira de Telecomunicações

<sup>21</sup> EMBRAER - Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A

**EB:** *Ah, foi?*

**JJVS:** Não, eu... eu acho, eu não sei, eu acho que tem uma história da CSN com os militares, né, sempre foi visto como um lugar de segurança nacional, isso desde a sua... eh... desde o início, né, e eh... isso foi... naquele momento, eu acho que tem um outro problema que é... disse: “Bom, tudo bem, mas é uma república tutelada, é uma democracia tutelada, e nós estamos aqui pra reafirmar isso, né, quer dizer, nós estamos saindo do Governo Sarney, né, de um governo abso- uma... uma... uma... uma redemocratização absolutamente tutelada, né, hoje sabe-se com detalhe disso, quando olha o Tancredo, o Ministro do Exército vai lá e diz assim: “Bom, quem vai assumir é o Sarney.”, e tá dado, para uma transição, quer dizer, de um novo momento dessa transição é que tem que reafirmar a tutela, acho que do ponto de vista estratégico tem isso, né, e a- ainda está por ser analisado, porque a gente não tem acesso à documentação militar e à documentação da CSN deste período, né, é saber como é que Volta Redonda é... é usada como... digamos assim, um laboratório daquela nova conjuntura que se estabelece, né, eu acho que foi um pouco isso, quer dizer, eh... eh... até porque você tem uma... uma conjuntura de construção de movimento operário muito agressivo, né, quer dizer, aqui tá se... tá se disputando uma... uma perspectiva de movimento sindical que é diferente do ABC Paulista e é bom que se diga isso, né, lá no ABC você tá lidando com uma relação capital-trabalho muito mais mediada do que aqui, não é, aqui é greve-tumulto (risos), digamos assim, né, quer dizer, um operariado radicalizado, uma liderança sindical, eu acho que tem um outro aspecto, uma liderança sindical que tá fora do *script*, não é, tá fora do *script*, o Juarez era uma liderança sindical fora do *script*, tanto é que ele teve muito problema com a CUT<sup>22</sup>, muito problema com o ABC Paulista que vinha aqui, eh... eh... patrocinar a oposição sindical ao Juarez, e é bom que se diga isso, não é, quer dizer, as eleições sindicais aqui, Paulo Okamoto que era o Assessor do Lula chegava aqui com a bolsa cheia de dinheiro pra financiar a oposição, né, então, você tem uma série de... de... de... de dados dessa... dessa conjuntura, de atores, né, que... que jogam nesse momento, Volta Redonda eu acho que é o movimento sindical mais radicalizado, numa área estratégica, considerada estratégica pros militares e... e tinha essa coisa da tutela e não só isso, por exemplo, quando Juarez morre, acho que isso fica muito claro. O próprio Dom Waldyr dizia isso, entendeu, quer dizer, a morte do Juarez, quer dizer, que eu chamo de assassinato do Juarez, né.

---

<sup>22</sup> CUT - Central Única dos Trabalhadores

**EB:** *Nós vamos abordar isso...*

**JJVS:** Como é que... como é que isso foi lido, como é que foi construída a narrativa, então mostra bem essas contradições, então, eu acho que... que Volta Redonda foi o laboratório desse projeto de um governo de direita que ia assumir, que era o Collor, né, então, quer dizer, de um momento de...

**EB:** *Aquele momento da greve, quando aconteceu... eh... a... invasão e a intervenção militar, a atitude de vocês foi comunicar com a imprensa nacional e internacional?*

**JJVS:** É... eu... eu... nesse momento, eu trabalhava no Caderno do Terceiro Mundo, né, o meu emprego era no Caderno do Terceiro Mundo, o Neiva Moreira que era, enfim, um deputado do... era do PDB<sup>23</sup>, depois era da Direção do PDT e que tinha uma longa trajetória na imprensa, né, foi... eh... Presidente da Comissão Nacionalista, na época o Neiva que fez essa ponte, eu peguei liguei pro Neiva e disse “Neiva, ó, tá acontecendo isso...”, o Neiva se mobilizou e chamou a imprensa internacional, enfim, eh... porque, na verdade, aquilo que aconteceu em Volta Redonda muito interessante, porque ontem mesmo a minha filha tava dizendo quando eu conto pra alguém que em 1988, 89, né?

**EB:** [88

**JJVS:** 88, o Exército invade e mata jovens, as pessoas não acreditam, acham que eu tô in- porque isso não foi... a narrativa do tal sindicalismo, eh... novo sindicalismo não incorporou essa narrativa na dimensão que ela deveria ter sido incorporado, não é, e durante muito tempo aqui também essa coisa complicou, né, então, eu acho que... que Neiva foi que mobilizou, né, o Neiva e via PDT, o PDT foi quem... quer dizer, foi por onde esse caminho, né...

**EB:** *E o final dessa greve você considera que foi... bom, vitoriosa, né, no sentido político e (inaudível)*

**JJVS:** Eh... eu tava lendo... eh... subindo... eu tava... eu vou contar pra... eu dizia que... dizia que a minha história com Volta Redonda é a história de uma derrota, né, a minha sensação sempre que eu venho à Volta Redonda é que é a história de uma derrota, de uma derrota, de

---

<sup>23</sup> PCD - Partido da Consciência Democrática



uma utopia minha, né, entendeu, de andar com uma utopia que eu sou portadora, né, eh... porque...

**EB:** *Mas, o Juarez foi eleito.*

**JJVS:** O Juarez foi eleito, quer dizer, a greve foi uma greve na... enfim, a cidade, eu... eu... foi... pela minha experiência daquela greve que eu tava... fui para o sindicato, fiquei lá a noite inteira, naquela noite, né, eu lembro de chamar Dom Waldyr... Dom Waldyr em casa e: “Dom Waldyr, tá acontecendo isso...”, Dom Waldyr: “Olha, eu estou à disposição...”, entendeu, eu que fiz esses... essa coisa, Dom Waldyr, o Clinger...

**EB:** *De negociar...*

**JJVS:** É... pedir pra ajuda, porque as histórias que chegavam... o Colombo, o pessoal tava dentro da Usina, né, e as histórias quando... quer dizer, por exemplo, eu que... que avisei o pai do menino, que tava lá em Angra, que o filho dele tinha sido assassinado, né, é... foi uma noite, né, Marlene tava lá também, foi uma noite terrível, né, viver aquilo e... e... depois viemos, no dia seguinte vir pela... pela ponte, o Exército passando, uma coisa assim que nunca tínhamos vivido, embora nosso trato com militares tinha sido pouco (riso), já tínhamos tido trato com essa gente, mas não naquela proporção, quer dizer, havia a cidade, porque eles atacaram a cidade, não é... é... a... a... a... e na véspera de uma eleição, quer dizer... eh... naquela... naquele momento, a... a sensação que nós... que eu, que eu tinha, era que... hã... o sindicato sairia vi-fortalecido daquela greve, pelo menos eu acho que o sindicato saiu fortalecido, quer dizer, não o sindicato, não o sindicato como instituição, mas aquele que nascia na cidade, uma... uma cidade com uma consciência de cidade, porque Volta Redonda é uma cidade tutelada pela CSN, eh... Volta Redonda tinha duas tutelas, a Cúria e a CSN, né, então, ela não tinha... não tinha uma identidade de cidade, não é... eh... e eu...

**EB:** *Cidade operária...*

**JJVS:** É, não tinha... não tinha a coisa da... todo... a cidade era o quê? Os clubes de serviço, que se mancomunava com a CSN, a prefeitura era isso, não é, era tá à serviço de... de... da... dos interesses da CSN. Naquele momento, naquele... naquela agressão aos trabalhadores, eu senti a cidade pulsar como cidade, entendeu, quer dizer, acho que naquele momento teve um

momento, eh... eh... aquele foi um momento de consciência da... da... da... eh... de que nós somos cidadãos dessa cidade, né.

**EB:** *E a... o governo, vamos tematizar agora o governo. O breve governo, mas imenso governo do Juarez. Vocês fizeram parte...*

**JJVS:** Sim, sim, tá aí, nesse momento nós estamos envolvidos, tanto eu quanto Colombo envolvidíssimos naquilo, né, me lembro, por exemplo, que naquela noite, Marlene se lembra da história do busto.

**Participante:** *Ah é... o busto (riso)*

**JJVS:** Que havia um problema no sindicato que era o tal do busto do Getúlio, que a garotada queria tirar o busto, o Juarez dizia: “Olha... olha o busto do velho...”, entendeu, e tiravam, e eles viravam o busto de costa,

**EB:** *Isso ele já era prefeito?*

**JJVS:** Não! Isso durante o período- eh.... a... a garotada, os jovens tiravam o busto, porque tinha aquela história da... da... aquela história da leitura...

**Participante:** *[Do Getulismo*

**JJVS:** É... do populismo, do Getúlio madrastra, aquelas histórias todas que a gente... cê estudou lá na história, então, os meninos, a garotada e nós também: “Vamos tirar o Getúlio, porque o Getúlio, não sei o quê... e ele já dizia assim: “Olha o busto do velho...”, aí viravam o busto de costa, não é, peão ia lá e virava de novo.

**CVSJ:** Então... são dois momentos diferentes. Primeiro, o Albano, o Wagner e... e... e companhia, eles juntaram lá e tiraram o busto...

**JJVS:** (Risos).

**EB:** *Onde ficava o busto?*

**CVSJ:** Na entrada do sindicato.

**JJVS:** Não sei se ainda tem busto, né.

**EB:** *Na entrada, na entrada?*

**JJVS:** Tem lá ainda? Não sei, nunca mais eu fui lá (risos)

**CVSJ:** Aí tiraram o busto. Aí começou: “Cadê o busto?”, não sei o quê, aí... aí... deu acusação: “Não, os comunistas tão tirando o Getúlio, não sei o quê”, aí o Albano saiu (pausa), se eu não me engano foi o Albano, entendeu, geralmente essas coisas é com ele mesmo, ele falava, eh... ele teria falado assim, tipo: “Não, ele foi tirado pra lustrar porque tava todo...”

**JJVS:** [(riso)]

**CVSJ:** ruim, e tal, e tivemos que desenterrar daquele monte de lixo que tinha na garagem do sindicato, arquivos velhos, não sei o quê, estavam jogando aquilo tudo fora, o busto pra poder mandar lustrar e botar lá de volta”, essa do... do... do coisa é mais tarde, essa do... de botar...

**JJVS:** [Colocar o busto de volta]

**CVSJ:** o busto de costa, entendeu, porque foi lembrando desse... dessa coisa, quer dizer assim... fazer uma brincadeira que... que ele tava solto, né, o Juarez tinha chamado a atenção: “O busto tá solto, vai acabar dando problema, tem que pregar o busto.”, né. Então, eu botei o busto de costa e o pessoal entrava, normalmente de manhã e taaa- aí vinha alguém arrumava o busto e deixava de frente, entendeu, aí quando esse alguém saía, eu ia lá e virava ele de novo...

**JJVS:** O Juarez num gostava disso não.

**CVSJ:** Aí (risos) sempre... mas nunca passou muitos minutos, o busto de costa.

**JJVS:** Aí na noite, eh...

**CVSJ:** Tinha movimento de gente, alguém a... alguém arrumava o busto (risos).

**JJVS:** Naquela noite... naquela...

**CVSJ:** [Ligação do operário...]

**JJVS:** madrugada chegou o Juarez. Aí ele chegou da fábrica...

**CVSJ:** [Com o Dr. Getúlio

**JJVS:** eu cheguei perto do Juarez e falei: “Juarez, vamos... tem uma forma de tirar o busto (riso), eu... vamos fazer um monumento, aí Juarez olhou pra mim assim, né, isso naquele dia maluco, né, mas eu com a história da simbologia, né, aí ele falou: “Como assim?”, eu disse: “Vamos chamar o Niemeyer”, e ele: “Imagina, falar com Niemeyer!”. Aí passa e eu fui, né, liguei pro Niemeyer, Niemeyer atendeu, eu tenho o original do projeto do Niemeyer lá em casa, que ele me deu e... eh... eh... nasceu dessa ideia, na verdade, um pouco à contraposição do busto, né, entendeu, a ideia do monumento um pouco em contraposição ao busto e... enfim, só um folclore dessa noite. Você tinha perguntado?

**EB:** *Eu falei sobre a... eu perguntei sobre o governo do Juarez*

**JJVS:** [Ah, o Governo Juarez...

**EB:** *Foi um governo... diferenciado também, né?*

**JJVS:** Eh... hum... na verdade, nós ficamos o quê?... 40 dias ali, né?

**EB:** *Mais.*

**JJVS:** Eu acho que o Governo Juarez... assim (pausa) e aí veio uma coisa assim... muito meio da minha visão de hoje, não é a visão que eu tinha na época, evidentemente, que eu tava dentro dessa... dessa ideia do crescendo, na verdade, era a ideia da... um pouco... eh... digamos assim... eh... dum pequena Moscou, sabe, assim... um pouco esse sentimento, né, de... de

“encouraçado, pô, tenho quinze”, sabe (riso),

**EB:** [Petrogrado...

**JJVS:** é... Petrogrado, qualquer coisa assim... (risos). O... o... o Governo Juarez tinha um pouco da nossa... pelo menos da minha parte, tinha muito disso, entendeu, da ideia, porque eu sempre tive um pouco essa coisa da cidade de Volta Redonda, sempre foi uma coisa assim, bom, há que ter o momento que essa cidade seja uma cidade, ela não seja... ah... ela não seja a... a...

**CVSJ:** [A CSN

**JJVS:** é, ela não seja a CSN nem seja a Cúria, porque ou era uma coisa ou era outra, né, entendeu, não havia... Então, um governo que fosse um governo da cidade, que pensasse a periferia da cidade, que tivesse um projeto urbano, entendeu, ah... um projeto cultural da... da... trazer a cultura operária, tanto é que eu fui trabalhar na área da Cultura, então, era... era uma coisa de fazer um... um governo que tivesse o que tem a ver com os operários, com a...

**EB:** *E a ideia do coral? Cantar marcha (inaudível)(riso).*

**JJVS:** (Risos) Dentro da ideia do Petrogrado, né. (riso). Não... eu encontrei lá na Secretaria de Cultura um... um...

**EB:** *Um coral.*

**JJVS:** Não, havia um coral, um...

**CVSJ:** Orquestra.

**JJVS:** Não, era um coral, né, era um coral não, era uma orquestra.

**CVSJ:** Uma orquestra.

**JJVS:** Uma orquestra. Tinha banda! Tinha banda, a banda da prefeitura e tinha o coral

**EB:** *[Um coral]*

**JJVS:** municipal e que era da Pref- da Secretaria de Cultura e aí tinha o 1º de Maio, né, e eu queria fazer uma festa no 1º de Maio, aí eu encomendei, falei com o... o... o...

**CVSJ:** *[Com o Maestro]*

**JJVS:** com o Maestro, que adorou a história, que entrou na... que entrou na minha... pra cantar, pra tocar internacional! Só podia ser internacional no 1º de Maio. Eh.. e aí a história de fazer uma coisa para as crianças, né, que depois... que depois ele fez uma... o Maestro fez uma banda de criança, um coral pras crianças, existe aqui hoje e eu de vez em quando vejo emocionada na televisão, ele... esse Maestro não sei se é o mesmo ainda, mas é uma pessoa... é o mesmo? É uma pessoa muito envolvida com o trabalho dele, muito sério e vamos trazer as crianças das escolas, né, pra poder aprender música, então era muito... era uma coisa assim... muito nesse

aspecto, a Marlene foi Secretária de Cultura, de Educação, a ideia de você fazer uma outra escola, entendeu, e foi uma utopia legal, mas que num...

**EB:** *Aí eu vou perguntar, você falou um pouco antes, mas a gente vai voltar agora, você falou em assassinato do Juarez. Essa... esse é um dos pontos de investigação da nossa Comissão, a morte do Juarez, e eu gostaria de perguntar a você e ao Colombo, qual a opinião de vocês sobre o acidente do Juarez, se... em que vocês se baseiam a ideia de caso de assassinato.*

**JJVS:** Bom, eu me baseio em duas coisas, primeiro o depoimento de Dom Waldyr, né, Dom Waldyr várias vezes afirmou que ele foi comunicado, né, e inclusive ele disse quando o Juarez morreu, ele disse isso, que o so- que o Juarez... que o Dom Waldyr tinha um sobrinho que era da Polícia Federal, né, e o sobrinho do Dom Waldyr avisou Dom Waldyr que eles iam assassinar Dom Waldyr e assassinar o Juarez. Juarez... Dom Waldyr falou isso algumas vezes, não falou só para mim pessoalmente, falou isso publicamente.

**CVSJ:** Foi na casa do Juarez falar...

**JJVS:** É, o sobrinho avisou o Dom Waldyr (pausa). Outra coisa é o seguinte: eu tinha vi- eu tinha trazido aqui um... na véspera do Juarez viajar, um colega, Professor Afonso Carlos, lá da IFCS<sup>24</sup>, pra fazer uma palestra sobre cultura e, na verdade, era sobre... eh... a ideia de fazer um arquivo aqui... um arquivo da cidade e a biblioteca que era, né, a ideia de fazer uma biblioteca municipal boa, legal e aí tinha trazido o Jua- o Afonso, quando o Afonso voltou, quem levou o Afonso foi este motorista, este motorista que tava com o Juarez, o Afonso me... depois me telefonou e disse: “Ô Jessie, esse motorista de vocês é polícia ou tá ligado à polícia, qualquer coisa assim, toma cuidado com ele.”, que ele veio no caminho falando coisas com o Afonso, entendeu. E... e foi exatamente com esse motorista que o Juarez viajou pra Brasília e que não sofreu NADA no acidente, né, ele não sofreu NADA no acidente, quer dizer, um acidente muito... digamos assim, funcional, né, e que não foi... não foi objeto de uma investigação! Por motivos... vários. Eh... não... não interessava, politicamente, investigar aquilo, entendeu, no mínimo uma investigação séria, né, na medida em que sabe-se hoje, que esse era o *modus operandi* que a repressão usou pra matar várias pessoas e não prestar conta, né, então, no

---

<sup>24</sup> IFCS - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

mínimo, naquela conjuntura, uma morte daquela forma, tinha que ser, no mínimo, bem investigada, na medida em que você tá num contexto de... de... de afirmação de um... de... de... de... tudo bem, um governo de direita que se instalava e de...

**EB:** *[Governo de esquerda.*

**JJVS:** Hã? Não! Do ponto de vista federal! E com essa coisa que eu falei antes, nós tínhamos, nós tínhamos tido a... a... a... greve, essa coisa toda, não dá pra você descolar uma coisa da outra.

**CVSJ:** E que tinha uma eleição presidencial no ano seguinte.

**JJVS:** Tinha, é.

**EB:** *No mesmo ano.*

**JJVS:** No mesmo ano, né?

**CVSJ:** No mesmo ano, é...

**JJVS:** Então, eu acho que eh... eu... eu continuo achando que aquilo foi um assassinato, acho que houve uma... irresponsabilidade enorme... eh... eh... de muitos setores já chamados esquerda, que não quiseram investigar porque Juarez era uma liderança importante, que saía do *script*, tanto é que naquela época, o santo do PT era o... o... Chico Mendes... não é? Quer dizer, você tem... no mesmo momento morrem duas... duas... dois personagens que tinham uma representação nas lutas sociais brasileiras importantíssimas do ponto de vista nacional, né, e a morte do Juarez foi uma morte que... meio num... enfim, ficou por isso mesmo, né, ficou por isso mesmo até que... enfim, eh... eu tenho várias coisas a... refletir sobre isso, mas eu acho, continuo achando que a morte do Juarez é um dado daquela conjuntura, que não pode ser analisado fora dela, entendeu, fora dela... o Juarez tinha... num gostava de viajar de avião, isso é verdade, e todo mun- e eles todos sabiam disso, entendeu? (pausa) Colombo viajou com ele *n* vezes pra Brasília de carro, né, eh... agora, era um homem que dirigia muito bem, mas ele não tava dirigindo, quem tava dirigindo era esse motorista, que eu não sei, inclusive, se foi investigado esse motorista, acho que não teve investigação nenhuma sobre isso, porque com a morte do Juarez se desencadeia uma série de outras... outras demandas políticas e disputas, né,

que estavam submergidas e que aparecem e que, na verdade, eh... enfim, nós ficamos aqui mais alguns meses e fomos embora, quer dizer...

**EB:** *A... a morte do Juarez teve um impacto, mudou alguma coisa na... na... no movimento, né?*

**JJVS:** Eu acho que a morte do Juarez eh... impactou, eu acho que depois daquela greve de 80, uma greve

**EB:** *[De 90*

**JJVS:** *é, a greve que veio seguinte, uma greve... que esgota, na verdade, eu acho... acho que uma perspectiva, eu me lembro, eu tava morando em Vitória, eu me lembro, eu me lembro de ler no jornal que quem falava pela militância: “Não, porque a consciência de classe, e tal”, uma ideia de consciência de classe que eu acho que o movimento operário tinha tido uma grande derrota, na verdade, a vitória da eleição, da greve de 88 foi acompanhada de uma grande derrota, de uma derrota de um projeto mais, eh... digamos assim... mais estratégico, entendeu?*

**EB:** *Pelo assassinato do...*

**JJVS:** *É, o assassinato do Juarez, depois o Governo Collor, né, que se estabelece uma outra dinâmica nos movimentos sociais, não é... eh... e vem a privatização, e vem um monte de outras coisas.*

**EB:** *E o outro tema, também importante pra falar é a explosão do monumento...*

**JJVS:** *É, essa explosão do monumento. Eh... eu tenho, inclusive, uma grande mágoa em relação a isso porque eu... várias pessoas, né, nos atribuíram a explosão do monumento, não é? (Pausa) Eh... isso é de uma covardia absurda! Entendeu? E... e... e... imagina! Né, o monumento foi uma... alguma coisa que eu e nós que estávamos... batemos por aquele monumento, é uma coisa, eh... acho até hoje que é uma... uma coisa incrível que a cidade não brigue por este monumento, que aquele... aquele... aquela coisa absurda que a direita da cidade fez pra tampar o monumento, né, eh... que a cidade não tenha recuperado isso, aliás a cidade entrou prum caminho totalmente diferente, né, mas, eh... eu acho que essa... essa história, ninguém nunca me disse, evidentemente, porque ninguém vai ter coragem. Vai me executar? É isso? Mas, eu soube de pessoas que frequentaram a minha casa, né, e que se diziam a ultra-esquerda de Volta Redonda*



e que diziam que nós tínhamos... nós... aliás, na verdade, volta neste final aquela velha história de chegou o casal de terroristas, né, e eu quero dizer o seguinte, que...

**EB:** *Você compra, eh... eh... há todo indício de que tenha sido a direita militar?*

**JJVS:** Certamente! Claro! Os mesmos. Os mesmos.

**CVSJ:** Não há indícios.

**JJVS:** Não, não há indícios. Sabe-se, né, que foi.

**CVSJ:** Não há indícios, há uma certeza, porque olhe bem (pausa). Explode o monu- explode o monumento depois du- duma manifestação linda como aquela que foi...

**JJVS:** Inauguração, né!

**CVSJ:** Eh... eh... eh... um momento único em relação aos companheiros que foram assassinados lá dentro, né, de afirmação da luta aqui, e tal, explode o monumento, dia seguinte, eh... eh... eh... dois dias depois matam o soldado que teria visto, que disse ter visto as pessoas colocando eh.... a...

**JJVS:** Dinamite.

**CVSJ:** A dinamite lá no local.

**EB:** *O soldado que estava de plantão?*

**CVSJ:** Que estava de... de... de... de plantão na... na... na... na... na... na... na rua ali do Conforto, onde morava o... um oficial superior, né, e... que coitado caiu na besteira de... de contar que... que viu aquilo, né, então cê tem... cê tem... essas duas coisas, segunda a Polícia Federal que retirou, investigou o material e o material era das Forças Armadas, então não há dúvida!

**JJVS:** Claro que não!

**CVSJ:** Não é assim: “há uma suposição...”, não há dúvida!

**EB:** *E os militares consideraram que todo o material descrito era do Exército...*

**CVSJ:** Que eles deixaram todos os rastros.

**JJVS:** Claro! Faz parte desse cenário, né.

**CVSJ:** E eu não sei nem se num deixaram os rastros já de propósito pra dizer: “Ó, fomos nós mesmos”, quer dizer, senão uma assinatura. Na época, eu fiquei achando que era muita incompetência, né, como eu tenho milhões de razões para não achar que os militares são incompetentes, eu, eh... acho mesmo que pode ter sido uma assinatura, né, “Olha aí ó, o que pode acontecer com vocês!”. Eles poderiam ter matado aquela gente toda que tava na praça, não só nós como quem tava lá homenageando os operários, entendeu. Esse é um fato esquecido também, que eu tenho muitas fotos, é um fato esquecido, no Rio de Janeiro ninguém sabe o que aconteceu, nem a greve, nem que morreram os operários e nem que explodiram é... o... o... o coisa.

**Participante:** *E três fatos emblemáticos, né, que aí é objeto de apuração*

**JJVS:** [Hãham]

**Participante:** *né, que inicia pela morte dos três operários*

**JJVS:** [É]

**Participante:** *os... a bomba, depois o Juarez, que, né,*

**EB:** [inaudível]

**Participante:** *não, não nessa ordem, mas que, de fato, não tiveram apuração*

**JJVS:** [Claro!]

**Participante:** *por parte dos inquéritos, se passaram em vão.*

**JJVS:** [Passaram em vão.]

**Participante:** *Então, isso pra gente, é que eu sempre...*

**JJVS:** [É]

**Participante:** *pra quem tá de fora é uma incógnita, pra quem tá dentro como vocês, tem as definições, só não foram apuradas, não é isso?*

**JJVS:** Claro!

**CVSJ:** Não foram apuradas.

**JJVS:** Não foram. Nós até tentamos, né.

**CVSJ:** Não foram investigadas.

**Participante:** *Investigadas.*

**JJVS:** Não foram investigadas, não havia... não havia interesse, na verdade.

**CVSJ:** No caso da morte do Juarez, o sindicato contratou uma equipe de legistas, no caso da morte do Juarez, o sindicato contratou uma equipe de legistas que... de um dia pro outro arrumaram o armário e se mandaram daqui, “Ah, parará... num... num... num tem como investigar porque a Volkswagen não deu os documentos sobre como o carro se comportaria num choque, e tal, até logo!”, e deu uma *banana* pra todo mundo e foram embora. Mas, Badam Palhares que por um acaso...

**JJVS:** [Não! Não quis

**CVSJ:** é o homem que dá o atestado de...

**EB:** *Ó isso é importante. É ele?*

**JJVS:** Campinas.

**EB:** *É ele?*

**JJVS:** É, é... Campinas, Campinas.

**EB:** *Pois é, olha isso, lembra que eu falei...*

**JJVS:** Eu fui... eu contratei o pessoal de Campinas.

**EB:** *Só um segundo*

**JJVS:** [Hãham

**EB:** *eu tava falando com a... com a Cris*

**JJVS:** [Hãham

**EB:** *falei: “Cris, eu preciso saber se era o Badam Palhares que estava envolvido”.*

**CVSJ:** *A equipe dele.*

**EB:** *A equipe dele.*

**JJVS:** *É, a equipe dele.*

**EB:** *Foi a mesma que disse que o Paulo César Farias se suicidou.*

**JJVS:** *Isso. É... a... a... a... essa... eu liguei pra... o pessoal de Campinas da UNICAMP, eu tava fazendo o Mestrado lá e me deram o contato, nós conta- contatamos e veio pra cá, ele não quis fazer, eles não quiseram, não foi Albano?*

**Participante:** *Foi.*

**JJVS:** *eles não quiseram, né, não quiseram, se recusaram a fazer, veio o sindicato*

**CVSJ:** [Passaram quatro dias mexendo aí.

**JJVS:** *é, o sindicato contratou um advogado, não é?*

**Participante:** *Fausto, Domi- Domingues*

**JJVS:** *Domink e saiu daqui da: “Não, não e tarará, tarará”, e se mandou, entendeu, e depois não teve mais interesse político em... na verdade, uma grande conspiração, eu te digo, de silêncio de um lado, entendeu, e de presença do outro, o silêncio por causa da disputa política e seguido do outro, a presença do DNA lá.*

**EB:** *Pra gente concluir, depois eu vou abrir aqui, porque várias pessoas querem fazer perguntas, mas pra concluir o nosso trabalho da Comissão, qual a importância que você vê do trabalho da Comissão da Verdade, em função dessas queixas que você apresentou de políticas que você apresentou, sobre a questão do esquecimento... Então, como é que você vê a importância do trabalho da Comissão da Verdade de Volta Redonda tá tematizando esses... esses problemas, essas... essas agressões, eh... à pessoa humana, né?*

**JJVS:** Não, ô Bedê, eu... eu... até queria, pensei agora, começar agradecendo o convite que vocês nos fizeram, porque nós, na verdade, eu e Colombo, ficamos assim... quer dizer, temos muitos amigos aqui, mas somos pessoas um pouco marcadas por essa história. Infelizmente, somos marcadas por essa história, porque todo o tempo nos mantivemos de uma outra maneira em relação a isso, entendeu, eh... acho que vocês tem uma... uma... um papel importantíssimo, que não é para... digamos assim, se santificar e nem... nem... nem acusar, não é isso, mas trazer a história da cidade, isso faz parte do patrimônio político dessa cidade, entendeu, que construiu uma história posterior pelo viés da direita da cidade, né, Volta Redonda, desde então, tem sido sucessivamente eh... eh... construído símbolos da... mudaram até o nome do rio, né, mudaram até, né, a... até as curvas da cidade, né, quer dizer, Volta Redonda tem sido a partir de então uma... uma sequência de sepultamento dessa memória, como foi no pré-64, na verdade, reproduziu-se o que já havia, o que já tinha acontecido antes, quando essa cidade se

**EB:** *[Um apagamento*

**JJVS:** *é, se ma- foi um... um baluarte de... digamos assim, das lutas sindicais no Brasil, né, de um projeto nacional, eh... massacrado pelo golpe, e depois que renasce, massacrada de novo, pelos mesmos atores, é isso que é... é isso que é a coisa que me indigna, me indignou sempre, quando eu soube que você estava fazendo isso, falei: “Bom, finalmente chega uma nova geração, né, que vai tentar trazer pra cidade o patrimônio que ela tem, patrimônio social, né, memorialista-social que ela tem, porque isso é uma coisa que não pode ser esquecida até porque depois da privatização e da desconstrução da cidade como lugar de cidade operária, né, isso ficou sub- eh... eh... no subterrâneo, né, na memória dos velhos, né, entendeu isso não pode ser, o jovem dessa cidade tem que saber disso*

**EB:** *[Se apropriar, né?*

**JJVS:** *se apropriar disso, entendeu, e vocês têm esse papel, acho que é a função da Comissão da Verdade no Brasil, né, que não vai trazer, digamos assim, do ponto de vista imediato,*

punição, eu gostaria que tivesse, mas pode sair daqui alguma coisa de Justiça, quem sabe? Né, eh... eu ouvi as pessoas e... e... e tem muita gente que viveu isso, né, eh... por exemplo, uma coisa que eu queria saber, entrou-se na Comissão da Anistia a família desses meninos que foram assassinados?

**EB:** *Não, não... eh... vai...*

**JJVS:** Isso é uma coisa criminosa! Entendeu? Porque foram três garotos assassinados

**EB:** *Nem os outros que levaram tiro.*

**JJVS:** nem os outros. Então, esses meninos eles têm que ser objeto, essas famílias têm que ser objeto de uma análise... eu vou muito na Comissão da Verdade... Comissão da Anistia em Brasília, tenho ouvido muitas reivindicações de Volta Redonda e eu que sempre penso: “Será que aqueles garotos, aquela geração que sofreu lá dentro da Usina isso... foram objeto de reparação?”, acho que vocês, por exemplo, poderiam...

**EB:** *É, nossa função, no caso, ela... ela... ela se restringe à memória e à verdade*

**JJVS:** [Claro!]

**EB:** *mas ela é a base da justiça de reparação. Então, a gente tem, hoje, uma aliança muito forte com o Ministério Público*

**JJVS:** [Isso!]

**EB:** *então, nós já estamos abordando alguns casos anteriores, da década de 60 e 70, e que ele tá abraçando e a gente aponta pra isso, levantar essas pessoas e trazer aqui pra elas serem...*

**JJVS:** É, e esses assassinatos foram feitos depois da Anistia, portanto, eles são passíveis de punição até mesmo por essa Lei da Anistia, entendeu?

**Participante:** *Não só, não só o conceito de memória e verdade, tá, ao final, a Comissão... ela vai até setembro, no ano que vem a gente incluir isso no rol de recomendações*

**JJVS:** [Claro!]

**Participante:** *pra poder endossar a Lei de Reforma da Anistia*

**JJVS:** [Claro.]

**Participante:** *ai sim colocar os réus, ai colocar os réus, aqueles que estão vivos, que participaram da cadeia de comando*

**JJVS:** [Claro.

**Participante:** *a gente rediscutir essa questão que passou em vão, esse tripé aí: dos três operários, do Juarez e da bomba, acho que é uma questão que a gente vai recomendar.*

**EB:** *Parece que tem nove feridos à bala.*

**JJVS:** Então, isso tudo...

**Participante:** *Mas, tem uma coisa interessante, muitos familiares, não sei de qual dos três, que sequer quer falar de reparação, que já deletaram isso e não quer voltar, sabe? Por conta mesmo desse esquecimento...*

**EB:** *Mas, vamos combinar...*

**Participante:** *é... vamo... é...*

**JJVS:** Mas, isso tem que ser visto, entendeu, porque eh... Volta Redonda não pode ficar como a cidade do... do Neto, por exemplo, desculpe, não sei, mas não é... não é isso, teve muito mais gente aqui nessa cidade, muito mais coisa importante do que eh... esse processo de... novamente, não é, de hegemonia daquela mesma gente que... né, então, eu parablenizo vocês jovens de hoje, eu acho que vocês têm com uma outra tarefa que... que é fundamental pro Brasil, e pra Volta Redonda, né.

**EB:** *Agradeço o jovem (risos).*

(risos)

**JJVS:** *É jovem, né! (risos)*

**EB:** *Eu vou abrir aqui pro... (risos) pras pessoas porque alguns pediram pra fazer perguntas, então, eu acho que é o momento.*

**CVSJ:** Vai lá, ô!

**JJVS:** O microfone!

**Participante:** *Boa tarde.*

**JJVS:** Boa tarde.

**Participante:** *Meu nome é Carlos Henrique, eu sou professor de História e Geografia, recentemente eu tive assim... (inaudível) dissertação do Mestrado, que eu falo justamente sobre fatos sociais passados aqui de Volta Redonda e eu tive... e queria analisar com vocês, porque eu tive a possibilidade de entrevistar pessoas de Volta Redonda...*

**Participante:** *[Chega aqui um pouquinho.*

**Participante:** *uma coisa que me chamou a atenção.*

**Participante:** *[Só por causa do áudio. Por causa do áudio, é.*

**Participante:** *Se não, não sai.*

**Participante:** *Então, meu nome é Carlos Henrique, eu sou professor de História e Geografia, e... assim, eu tive a chance agora nessa (inaudível) de fazer o Mestrado, e assim... a minha intenção é justamente fazer e tentar com- eh... resgatar essa história, inclusive assim... eu tenho visto coisas em sala de aula, não sei se é porque a gente tá vivendo assim, e ouvido coisas dos nossos jovens que tem me assustado muito*

**JJVS:** *[Hãham*

**Participante:** *acho que todo mundo aqui, né, que a gente tem ficado assustado com o que tem visto nas redes sociais a maneira como as coisas estão sendo encaminhadas e eu tive a oportunidade de conversar com moradores da cidade, que VIVERAM a Volta Redonda antes e depois da privatização e assim... o que eu fico encucado com o que você falou assim pra... existe sim uma memória da cidade que foi apagada, então, na minha pesquisa eu tava analisando, né, professores de História e Geografia, existe um projeto muito bem encaminhado hoje em Volta Redonda, que por sinal outra característica da cidade*



**JJVS:**

[Hãham

**Participante:** *Eh... então, por exemplo, nós estamos tendo uma destruição planejada dos bairros operários*

**JJVS:** [Claro.

**Participante:** *os bairros que era antigamente como uma vila operária, nós temos um arranha-céu que foi construído aqui, né, um condomínio aqui, então assim... e os bairros operários estão diminuindo, a população tá diminuindo, e o interessante é que se você analisar o projeto urbanístico que foi aprovado em Volta Redonda, os operantes tão sendo, eh... os bairros operantes estão sendo... ficando cada vez mais confinados na parte mais poluída, mais degradada da cidade e justamente a parte que não está recebendo praticamente nenhum investimento de impostos e todas as questões da cidade são sempre direcionadas em direção ao shopping, à parte sul da cidade, então, você vê claramente um processo assim do ordenamento do espaço de Volta Redonda, em que pra superar, por incrível que pareça, a classe operária,*

*acho que parte da cidade tá sendo segregada, sabe*

**JJVS:** [Claro.

**Participante:** *mas, o que eu chamo atenção assim... pra perguntar pra vocês assim... com relação à questão da greve de 88 que o Colombo falou que até vocês ficaram assustados com a violência que foi empregada, né, e assim... e durante o meu... a minha pesquisa, eu já tinha, simplesmente, eu acho que... ficou muito claro o seguinte: acho que Volta Redonda pagou um preço alto justamente pelo que ela representava para o sindicalismo, né,*

**JJVS:** [Claro.

**Participante:** *lembro que Volta Redonda era chamada de meta do sindicalismo brasileiro e em alguns aspectos Volta Redonda estava muito mais avançada do que o ABC Paulista, tanto que eu vejo assim, eu queria até... pelo depoimento de vocês, assim... é que a... a violência que foi empregada em Volta Redonda em 88, ela foi proposital justamente pro que viria na década seguinte, que era o projeto neoliberal de privatização, então, Volta Redonda foi... porque ela simbolizava até por causa da questão da... da Era Vargas, o trabalhismo, né, e até pela... uma visão mais nacional... nacionalista da economia, né, assim, por tudo que ela representava pro movimento sindical que foi sendo construído, da articulação das comunidades eclesiais de base, né, articulação... assim, a cidade pulsava, vivia em torno duma politização, assim... se respirava política na cidade, havia uma politização de vários setores da sociedade, então, o*

*que estava vindo sendo concatenado na década seguinte, eu acho que a VIOLÊNCIA absurda que foi*

*implementada em Volta Redonda, acho que ela foi proposital nesse sentido*

**JJVS:**

[Humhum

**Participante:** *porque, assim... se eu destruo Volta Redonda, se você consegue colocar a cidade de joelhos, até com atenção na sua fala, não é, de uma memória que foi apagada, se eu consigo destruir o vínculo dessa cidade e sua organização, eu consigo mostrar pra qualquer outro, né, outra cidade do país ou outra qualquer região que resistir eh... eh... inviável, então, eh... gostaria que externassem o que vocês acham dessa visão, dessa violência que então tinha sido proposital pra se preparar para o que viria possivelmente.*

**JJVS:** Eu... acho que de certa forma, eh... isso é verdade, até porque todas esses... todos esses processos de transição de ditadura pra democracia na América Latina, ela se... não, nesse contexto do chamado neoliberalismo, né, já se estabelecendo política, eh... naquela época, naquela ocasião, eu... eu... a gente não tinha noção da macropolítica, da geopolítica, não, eh... de que tava sendo... o nosso universo era um universo da micro-história ali, da nossa... da nossa pequena Moscou, né. Eh... mas com certeza isso é... igual o... o projeto do Governo Collor, é de uma nova acumulação de capital a que se estabelece, né, novas regras e eu acho que Volta Redonda, a experiência sindical de Volta Redonda é uma experiência de ponto de vista de classe, superior a do ABC Paulista, que tem uma trajetória diferente, inclusive, eh... e as lideranças do ABC Paulista, eu acho que... nesse sentido, o Juarez tinha uma... digamos assim... uma consciência, não digo consciência porque essa palavra consciência é muito... mas assim, uma SENSIBILIDADE que diferenciava o Juarez, entendeu, e é óbvio que essa máquina no movimento, no movimento sindical, sem nenhuma dúvida, eu acho que era muito, eh... era diferente a perspectiva da... daqueles... daquela dos militantes aqui, e tal, particularmente de um determinado setor, né, que tinha muito isso, Juarez foi uma figura importante nesse sentido, de construir ponte com a política, de perceber o mundo do trabalho como o espaço da sociedade, entendeu, e não o mundo do trabalho confinado a sindicato, da pequena luta econômica, não é... mas de perceber a luta da sociedade brasileira, então, isso diferenciava, mas essa é a tradição de Volta Redonda antes, não é, as lideranças sindicais de Volta Redonda do ano até 64 era uma liderança de ordem política, eu nem compreendia isso na época, mas eles eram, eh... eh... eh... a trajetória do Othon Reis, essa gente, a presença do Partido Comunista era outra coisa, né, não tava restrita à luta econômica, de montar um partido socialdemocrata, não é isso, né, mas, e... e

Volta Redonda pagou o preço, mas, na verdade, o Brasil pagou um preço, né. (pausa - riso). Não quer falar... (riso).

**Participante:** *Eu sou Adelaide, eu sou militante e professora de História e Geografia também. Eh... tem algumas coisas eh... que eu acho que é cortante e que eu quero que você diga um pouco mais, que por exemplo, eh... na véspera da invasão do Exército, não sei se você se lembra, mas eu jamais me esqueço, estávamos eu, você e a Magna no comitê do Juarez, ali no Cecisa II, e você tava falando assim pra gente: “Olha, eu estou muito preocupada, eu nem vou ficar muito tempo fora, tô preocupada com o Colombo, eu tô sem notícias, porque o Exército já teve aqui outras vezes, agora, dessa vez vai ser violento, porque eu não estou gostando desse silêncio.”, aí apagou a luz, paramos pra pensar, assim... deu um tempo, eu disse tô descendo e você falou assim pra gente: “Vou pra casa também, é melhor nem sair hoje.”, eu não sei se você se lembra da VÉSPERA, e nós... eu e a Magna, pelo menos, fomos pra casa e no outro dia seis horas tava na assembleia, eu sei que seis horas que tava todo mundo embora, era... tava tocando a Ave-Maria, né, ali na loja... ali no Mollica e eu tava indo embora, que era a véspera do aniversário de 1 ano do Hugo, né, tava indo pra casa, assembleia tudo tranquilo, e aí a coisa aconteceu, né. Eh... então, eu... quando hoje eu penso nessas suas palavras, eu fico pensando... “Pôxa vida, é... nós perdemos essa capacidade de... de intuição, né, premonição, dessa percepção”, porque eu acho que as coisas realmente como você falou, elas ficam sendo enterradas, mas de forma... que de alguma forma você tropeça em alguma coisa, né, naquele momento e eu vejo dentro da escola, cadê o Carlito que é coordenador implementador? É, ô Carlos, você vê garoto de 30, 35 anos de meninas, professores que defendem ditadura, entendeu, abertamente e dentro de sala de aula, pra adolescente de 12, 13, 14 anos, sabe, e eu vejo isso assim... sério, um PERIGO e o debate que eles estabelecem é um debate cruel, porque a garotada, quando você pede, ultimamente eu dei a guardas agora, que eu mandei pesquisar com a família, é impressionante o quadro, aí você, eu tenho essa idade, aí vem o povo lá da nossa turma, né, aí eles contam a história, eles misturam Era Vargas com Juarez,*  
**JJVS:** [(risos)]

**Participante:** *entendeu? Eh... quando eles vão dizer, falar pros filhos, dá um depoimento, é uma coisa belíssima, mas se você pega os pais da idade outra, eles dizem assim: “Ai, fala pra professora”, melhor isso ou dá um livro, que é a turma que já tem Ensino Médio, que tem faculdade, entendeu, então, eh... eu acho que tá um momento muito cruel pra essa geração, que realmente ela vai ficar sem saber, porque a greve de Volta Redonda tá no livro de História, se*

*pegar o livro do 8º, do 9º ano, tá lá a greve, ninguém trabalha, ninguém trabalha o período, eh... eh... da redemocratização do país, isso não trabalha, agora eu acho assim, eu sei que você pensa como eu, eu acho que você pode falar melhor que eu, que tem que haver uma política séria, eu acho, né, ah, fechou Volta Redonda, mas eu acho não, Volta Redonda, ela tem um compromisso sério, porque ela vem de velha-guarda, então, a gente não pode abandonando assim, porque tem, então, a construção de todo esse processo pra gente formar uma geração realmente crítica, quer votar no Aécio, Dilma ou sei lá o quê, mas, minimamente tem que tá fundamentado na sua própria história, porque senão, também, a gente não tá construindo identidade de nada, num é, a gente tá ficando uma cidade um pouco sem marca, porque pela militância do movimento negro era ótimo, a gente chegava em qualquer outro município e falava que a gente era de Volta Redonda, a gente comandava a mesa, entendeu*

**JJVS:**

[(risos)]

**Participante:** *porque era só falar que era de Volta Redonda e o pessoal pensava que a gente sabia tudo*

**CVSJ:** [(risos)]

**Participante:** *chegavam outras frentes pra falar, a gente falava o seu nome, o da Marlene, o pessoal não queria saber nem se a gente sabia aquilo tudo não, já dava pra gente pra comandar a mesa,*

**JJVS:** [(risos)]

**Participante:** *porque tinha uma marca de uma cidade, né, você tinha uma marca que te acompanhava e a gente tá formando uma geração sem identidade, como eu disse aqui agora, uma geração sem marcas, eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso.*

**JJVS:** Colombo fala...

**Participante:** [(risos)]

**JJVS:** só eu que falo (risos)

**CVSJ:** Calvin Klein... serve?

**JJVS:** [(risos)]

**Participante:** Não... são as marcas...

**CVSJ:** É uma marca... Eu não sei, num... eu acho... eu acho, tenho pouca reflexão, que eu conheci uma Volta Redonda, era uma coisa que não foi dita aqui, não era o momento, que não tinha mendigo na rua, quando eu vim pra cá em 1979, aqui não tinha mendigo na rua, tinha uma SOS<sup>25</sup>, qualquer coisa não sei o quê, que abrigava lá, o pai do Neto parece que dava comida pra uns ali debaixo do viaduto, ali na... na Amaral Peixoto, não sei quê e não existia o pedinte, entendeu, quando eu saí de Volta Redonda, meses depois da... da... da privatização, quer dizer, antes já... já... já tinha passado a existir, mas tava cheio de mendigo, não tava, não era mais... que tinha pouco e voltou a ter mendigo, tava cheio! Tava a cidade empobrecida, triste, quer dizer, eu não sei se isso tem a ver com os meus sentimentos também, mas eu via aquilo, eu via aquela situação bem penúria mesmo, eh... e já essa agressão física urbana aí, já tinha começado também, né, de adulto assim esquisito que atravessa na... na coisa, não que eu seja contra os viadutos, né, sou até contra derrubar a Perimetral lá no Rio, não sou contra os viadutos (risos), parecia que ia de lugar para lugar nenhum, parecia que fizeram só pra ter

**JJVS:** [É pra esconder o monumento

**CVSJ:** e o outro lá embaixo escondendo o monumento, então, aquele tem sentido, já tá dito pra quê que é, né, agora pior do que isso, é que você tá falando da falta de marca, fora de Volta Redonda, ninguém sabe de nada, essas coisas não aconteceram, entendeu, e vou te dizer, não aconteceram para um... um... um grupo de pessoas eh... tidas como muito esclarecidas, pessoas que tão participando ainda de diversas atividades políticas, de... de... de intelectuais, e tal, mas foi isso... você conta a história assim... tal, tal, até meio compulsivo, aí: “Ah, é, aí teve o Exército, né”, “É.”, mas apagou, é incrível como apagou, entende, então, essa... o cara sai daqui sem marca, mas também eh... (risos), não lembram que se existiu não, uma cidade ali, que tem uma fábrica ali, entendeu, nem... nem a grandiosidade da... nação, que tem a fábrica do aço, não sei o quê, é sabida mais, a “Cidade do Aço”, hoje em dia não tá dizendo nada, tá dizendo mais a nova fábrica de celular que tão fazendo ali no ABC (risos), em Minas, em qualquer lugar, então, não é... há uma mudança também no país, né, geral, quer dizer, não é uma coisa de Volta Redonda, acho que essa coisa da marca tem isso também, entendeu, daqui uns dias São Bernardo também vai ser esquecido, né.

**JJVS:** Já tá se esgotando, o ABC também se... se... tá totalmente esvaziado, né, as fábricas se mudaram, também o processo que aconteceu aqui, aconteceu lá, mas eu acho que tem uma coisa que tá acontecendo novo aqui, que é a coisa dos programas de pós-graduação, quer dizer, eu

---

<sup>25</sup> SOS - Serviço de Obras Sociais de Volta Redonda

tenho visto muito tra- alguns trabalhos, eh... de jovens estudantes recuperando a história de Volta Redonda, né, alguns trabalhos muito legais, eh... eh... nos... no começo você tinha... eh... lá nos anos 80, tinha alguns trabalhos ainda naquela ideia, usando a coisa do populismo, da desconstrução do Vargas, e tal, depois vem uma desconstrução do Juarez, então, naquele movimento com história oral, não sei o quê, agora começa a surgir uma outra geração mais produtiva, buscando uma... uma análise um pouco melhor, complexificando mais a análise, eh... acho que... eu acho que o trabalho do Bedê, a tese de Doutorado dele é uma tese muito importante, porque ele recupera o 64, que não tinha... acho que é a primeira até que recupera o 64, com generosidade, não é, eh... acho que do ponto de vista acadêmico, a... a... o surgimento de novos centros universitários estão propiciando aos jovens de Volta Redonda e da periferia da ci- daqui da região, de buscar isso, agora, do ponto de vista da política, esse já é um projeto derrotado, não é verdade? Nós fomos derrotados na política nacional, não é? Eu acho que eh... a... o crescimento, por exemplo, agora da eleição, do Aécio, representa isso, né, quer dizer,  
**CVSJ:** [Não, num foi o Aécio não

**JJVS:** eu tenho um lado ideológico, entendeu, então, não, acho que o voto no Aécio representa essa derrota, mas eu não sei se uma derrota estratégica, eu até espero que seja conjuntural, né, de um projeto generoso de país, entendeu, eh... que tem a ver com esse... Volta Redonda eh... talvez seja o primeiro lugar, né, que esse... que esse projeto foi derrotado, né, o projeto foi derrotado.

**EB:** *Bom, a gente, eh... agora já tá na hora e vocês também...*

**JJVS:** [(risos)

**EB:** *ainda nem almoçaram... mas, é... eu vou pedir desculpas às pessoas que gostariam de perguntar, mas diante da situação... eu queria agradecer mais uma vez, imensamente, essa... generosidade de vocês de virem aqui, de participar, de vir e abraçar com a gente essa... essa... causa da memória, né, e pedir, então, bater...*

**JJVS:** [(risos)

**EB:** *uma palma*

(aplausos)

**JJVS:** Pra vocês também!

(aplausos)

**CVSJ:** Eu que agradeço, viu? (risos)

**JJVS:** Muito obrigado pela oportunidade, e até obrigado porque eu vou encontrar o Albano depois de duas décadas que tá fugindo da gente.

**Participante:** *O filho dele voltou agora da Europa.*

**JJVS:** É?

**Participante:** *Tem uns dois dias, o Pedro.*

**JJVS:** É um fujão!

**CVSJ:** Não conhecemos, nunca apresentou.

**Participante:** *Lembra não? A Marta tá na Inglaterra, aí esse tá na escola vai ficar dois (inaudível), vai ficar com o Albano.*

**JJVS:** Qual nome?

**Participante:** *Pedro.*

**Participante:** *Beijão!*

**CVSJ:** Ele nunca apresentou nenhum não.

**Participante:** *Parabéns pela história.*

**JJVS:** Parabéns a você, né! Que tá aqui.

(Risos)

**Participante:** *Ê nego véio!!!*

**CVSJ:** Falaram até que você tem filho, é verdade?

**Participante:** *(Risos) Registro. Mandou...*

[FIM DO DEPOIMENTO]